

## Tudo ao mesmo tempo agora

O **Cândido** mostra como a revolução digital está transformando as bibliotecas em verdadeiros centros culturais, de produção e difusão do conhecimento

Marcelo Cipris





Reprodução

O futuro já chegou ou, pelo menos, está chegando para as bibliotecas. Especialistas são unânimes: faz tempo que as instituições deixaram de ser apenas local para empréstimo de livros — a tendência é expandir a área de atuação, tornando-se centros culturais de acesso ao conhecimento, viabilizando ao público a oportunidade de conferir espetáculos, palestras, bate-papos e, mais que tudo, conviver.

A edição 54 do **Cândido** traz uma reportagem especial sobre o assunto. Bibliotecários brasileiros foram indagados a respeito de como será a biblioteca, pública ou não, no futuro. Há várias opiniões. O professor aposentado da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Paulo da Terra Caldeira observa que, para se tornar um centro cultural, as bibliotecas devem contar com amplos espaços e instalações adequadas e acessíveis, mobiliários confortáveis, novos e atraentes, com redes eletrônicas, equipamentos e terminais atualizados — um exemplo disso é a Biblioteca de Kista

[foto], localizada em um subúrbio de Estocolmo (Suécia), eleita a melhor do mundo pela Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (IFLA), em 2015.

Já a coordenadora do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), Regiane Alcântara Eliel, afirma: “A tendência é que as bibliotecas, não apenas as universitárias, se tornem espaços para atividades práticas de construção de conhecimento e informação.” O professor emérito da Universidade de Brasília (UnB) e diretor da Biblioteca Nacional de Brasília, Antonio Miranda, concorda com a colega da Unicamp, e acrescenta: “Finalmente estamos na era do ‘todos para todos’, em que qualquer pessoa publica, troca informação, critica, trabalha em forma cooperativa, universaliza o conhecimento.”

O debate é, realmente, amplo e inclui também a observação da diretora do sistema de bibliotecas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marieta de Moraes Ferreira, que sugere que as bibliotecas invistam em livros digitais, seja para dialogar com o público jovem e também

pela questão de que, em média, o *e-book* ser mais em conta do que livro impresso em papel. O poeta e ensaísta Affonso Romano de Sant’Anna, que esteve à frente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) entre 1990 e 1996, diz que, se ainda estivesse no cargo, transformaria *lan houses* em modernas bibliotecas, “onde o jogo estivesse ao lado da leitura.”

E, apesar da inegável presença da tecnologia no cotidiano de todos, o coordenador de Sistemas da Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Michelângelo Mazzardo Marques Viana, comenta que as pessoas vão até as bibliotecas não apenas em busca de atividades culturais como exposições e shows, mas para encontrar um espaço onde seja possível, enfim, ler. A chefe da divisão de extensão da Biblioteca Pública do Paraná, Marta Sienna, lembra que, apesar de todos esses desafios, que dizem respeito à tecnologia, as bibliotecas precisam focar naquilo que é uma de suas missões: disseminar a informação e incentivar a leitura.

## EXPEDIENTE

# CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Kayne Abreu e Lucas de Lavor

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Franco, Marília Costa, Marluce Reque

e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Bianca Franco, Jorge Ialanji Filholini, Marcelo Cipis, Miguel Sanches Neto, Marília Costa, Marluce Reque, Priscila Merizcio, Soraya Sugayama, Thales Guaracy.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.  
Horário de funcionamento:  
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.  
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.



## Glück



Fica em cartaz até 14 de fevereiro, no Museu Oscar Niemeyer (MON), a exposição “Glück: o tempo e a imagem”, que traz cerca de 100 fotografias de Guilherme Glück. Realizada em parceria com o Museu da Imagem e do Som de Paraná (MIS-PR), a mostra tem curadoria de Ederison Santos Lima e Graça Bandeira.

Guilherme Glück (1892-1983) nasceu na região rural de Rio do Poncho (SC) e era filho de pai alemão e mãe de origem holandesa. No começo do século XX acabou remigrando para a Lapa (PR). Glück registrou por quatro décadas a cidade, seus habitantes, seus costumes e tradições. Mais informações: (41) 3350-4400.

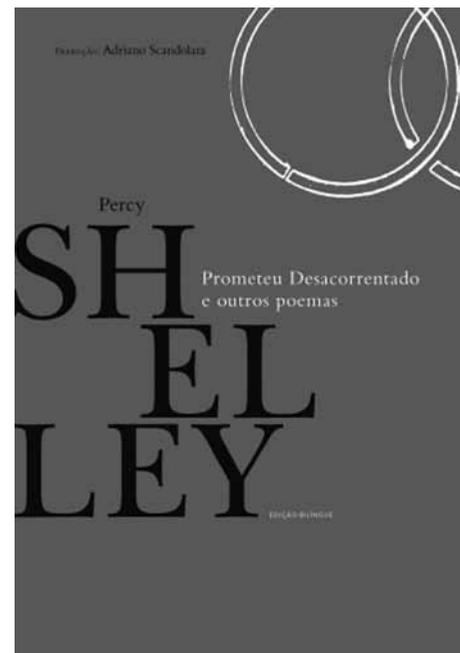
## E surge a série Beat&Nick

A editora curitibana Kotter Editorial inaugura uma proposta chamada Beat&Nick, e o primeiro autor a participar do projeto é o santista radicado em Curitiba Flavio Jacobsen, conhecido

na cena cultural da capital paranaense pela sua atuação na banda Gruvox. No livro *Uns contos no bolso*, Jacobsen apresenta a sua prosa recriando o cotidiano em 21 narrativas breves.

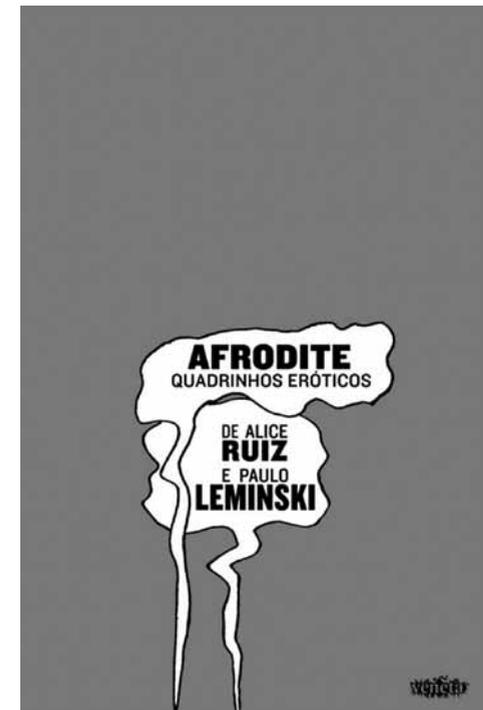
## Shelley desacorrentado

Resultado de seis anos de trabalho do tradutor curitibano Adriano Scandolaro, o livro *Prometeu desacorrentado e outros poemas*, publicado pela editora Autêntica, traz a mais extensa seleção de poemas do inglês Percy Shelley (1792-1822) já publicada em língua portuguesa. O volume conta com notas e uma introdução de 50 páginas, feita pelo tradutor, falando sobre os bastidores do trabalho e explicando a importância de Shelley.



## Caixa estante

Em 2016 o projeto Caixa Estante continua a circular pelo Paraná. No ano passado (2015), o projeto coordenado pela Divisão de Extensão da Biblioteca Pública do Paraná atendeu 14 instituições públicas e outras 26 instituições privadas, entre elas empresas, penitenciárias etc. No total, foram quase 4 mil livros circulando pelas Caixas Estantes, que são armários de aço que se abrem ao meio e



## Grafipar

Nos anos 1970, a editora curitibana Grafipar foi referência no mercado editorial brasileiro. Claudio Seto, um dos artistas da editora, coordenou diversas HQs de cunho erótico. Algumas dessas histórias foram reunidas recentemente no livro *Afrodite quadrinhos eróticos*, da editora Veneta. O livro traz histórias roteirizadas pelos poetas Paulo Leminski (1944-1989) e Alice Ruiz e ilustradas por vários artistas.

têm prateleiras para os livros. Dispõem de rodízios, fechadura e pegadores para facilitar seu transporte. Mede 41cm x 38cm, tendo 75cm de altura. Comporta, em média 80 a 100 livros e é ofertada às escolas, aos sindicatos, às associações, às empresas, aos asilos, etc. Seu acervo é composto, basicamente, por livros de literatura. Os interessados devem procurar a Divisão de Extensão no número (41) 3221-4986.

# ENTREVISTA | FERRÉZ

Divulgação



# A quebrada sou eu

O escritor Ferréz fala sobre seu novo livro de contos, *Os ricos também morrem*, e os diversos projetos que criou para difundir a cultura da periferia

SORAYA SUGAYAMA

O escritor paulistano Ferréz é um homem engajado. Ligado ao movimento hip-hop, autor de letras e discos no gênero, também criou o selo Literatura Marginal, que publica escritores da periferia, e a ONG Interferência, voltada à educação infantil. Além disso, tem a própria marca de roupas, a 1Dasul. Mas foi a literatura que escreve desde os anos 1990 que o tornou conhecido e o levou aos projetos acima citados. A partir de *Capão pecado* (2000), romance que retrata a realidade cruel do distrito paulistano Capão Redondo, Ferréz deu início à sua militância em torno da cultura da periferia.

*Os ricos também morrem*, seu mais recente livro, traz à tona assuntos pouco vistos nos enredos da literatura brasileira contemporânea. São histórias de assassinatos, vida na cadeia, privações de bens e oportunidades e luta de classes. A linguagem, tema de discórdia entre entusiastas e detratores do escritor, continua próxima da fala, da oralidade e informalidade das ruas, dos botequins, esquinas e quebradas, ou seja, do habitat do escritor.

Ferréz fala sobre isso na entrevista que segue. Também explica como se posiciona no mercado editorial brasileiro, onde a maioria dos escritores emerge da classe média. “É simples, eu não tomo cafezinho com o dono da editora, não estou do lado dos donos nem dos assessores, não estou no mercado restrito do livro”, diz o autor, que tenta burlar o esquema engessado de distribuição das editoras ao vender seus livros em lugares como supermercados e bares.

**N**o prefácio de *Os ricos também morrem*, você afirma que escreveu contos que “antes contava ao pé do ouvido dos outros”. De fato, a sua linguagem, desde os primeiros livros, traz referências da oralidade, da conversa. Essa escolha é consciente? A linguagem de sua literatura é a recriação da fala das ruas? E ainda: fazendo um balanço, desde *Fortaleza da desilusão* (1997), o seu primeiro livro, até o mais recente, como é a recepção, por parte de crítica e público, da sua linguagem?

A escolha é consciente sim, esse livro foi criado no dia a dia pra ocupar esse espaço, para poder ser lido nas salas de aula, nos saraus, em todo lugar onde tiver alguém que não tem tanto acesso à literatura e quer ter uma experiência mais oral. Agora, fazer um balanço não é comigo, não tenho esse entendimento, eu vou fazendo e as pessoas vão se identificando ou não, e esses contos foram testados na rua, e o pessoal sempre perguntava, então joguei os outros mais “construídos” fora e parti pro ataque com os futuros leitores que eu trombava.

Ainda no prefácio de *Os ricos também morrem*, você faz uma definição de sua literatura. Escreve que pretende fazer um prefácio “que convença um futuro leitor, que seja escrito com inconformismo, que transmita o ódio de todos os dias iguais, sem uma vida justa para todos, que provoque não a revolução pessoal, mas a mudança da sociedade”. É possível afirmar que a sua literatura é inconformada, traduz a insatisfação daqueles que parecem não ter perspectiva de uma vida melhor e, mais que tudo, busca uma revolução social? O que acha disso?

Minha literatura é um reflexo do que sou também, então sou um cara muito inconformado, eu não entro em nenhuma briga sem argumento, e toda pobreza me incomoda, não consigo aceitar, entre tantas coisas, pessoas idosas que deveriam estar aposentadas, lotando os fárróis para vender as coisas, pedindo R\$ 1 na porta do “Bom Prato”. Não aceito os meninos com olhares vazios aos 12 anos de vida, muita coisa me deixa inconformado, um cara num carro de R\$ 200 mil e ao lado um cara embrulhado com papelão. Essa elite que odeia tanto o pobre, que só fica reclamando da Bolsa Família, que tem argumento gratuito pra tudo, sendo que não sabe a real situação do povo, não entende o drama dos pobres, que olham toda a evolução e não fazem parte de nada, nada. De fritar a melhor carne pra elite e não ter ovo em casa, de proteger os portões de mansões e chegar em casa após a chuva e ter perdido o barraco.

Em *Os ricos também morrem*, há contos que apresentam, entre outras questões, a realidade daqueles que estão presos, como “Canto da sereia”, a falta de perspectiva de quem não tem acesso a



Divulgação

quase nada, como “A história do ovo”, e até mesmo a falta de segurança que atinge tudo e todos, mesmo os ricos, como “Imagens flagram”. De um modo geral, não parece existir redenção para os seus personagens. O mundo a respeito do qual você escreve não tem solução? Não tem luz no fim desse “túnel”?

Tem luz, mas é só pra quem pode pagar por ela, tem energia pra quem tem acesso a isso, e o outro lado do povo está assim. Não inventamos essas histórias como ficção, eu amarro como ficção, dou argumentos para reduzir essa

realidade a um nível de desconforto que seja até tolerável. Tento na verdade empacotar um pedaço dessa realidade, mas é vista por mim. Comida e regurgitada por mim, então não é uma realidade pura. Eu só escrevo quando sinto de verdade que aquela história tem que ser contada. Se eles têm esperança? Sim! Se há esperança? Difícil.

Em *Ninguém é inocente em São Paulo*, de 2006, havia mais contos escritos em primeira pessoa do que em *Os ricos também morrem*, de 2015, onde

aparecem mais textos literários em terceira pessoa. Essa escolha, entre primeira e terceira pessoa, foi calculada? Prefere escrever em primeira ou em terceira pessoa? Qual a diferença?

Bom, mais fácil é em primeira pessoa, mas eu queria dar voz autêntica a esses personagens, então a terceira é melhor para dizer isso dessa forma. Tem voz ali que é só ela por si só, não tem que ter nem introdução nem nada, você entra no pedaço daquela história, naquele momento, e sai dele também no meio, pois a vida é assim, nem tudo tem final.

“Minha literatura é um reflexo do que sou também, então sou um cara muito inconformado, eu não entro em nenhuma briga sem argumento.”

**Você costuma usar o termo “literatura marginal” como marca identitária para seus escritos e de outros “escritores periféricos” — como na publicação que organizou, intitulada *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica* (2005). O termo também já foi usado, com outra conotação, pelos escritores dos anos 1970. O que esse termo representa para você? É uma forma de colocar seus textos no centro da periferia (produção, circulação), ou, de algum modo, marcar-se como fenômeno de resistência diante de uma “cultura hegemônica”, que historicamente inventa seus cânones?**

É simples, eu não tomo cafezinho com o dono da editora, não estou do lado dos donos nem dos assessores, não estou no mercado restrito do livro. Não exerço influência dessa forma, então minha luta é na rua, nas escolas, nas palestras que faço, e pra isso a identidade de literatura marginal, que vem das margens, que vem do povo, que tem o sapato com pó da rua. Não vivemos disso 100%, pois temos que trabalhar para comer, para vestir, e a literatura se mistura com essa militância. Então nas ruas somos tratados como um cantor de rap

é tratado, pedem fotos, pedem autógrafos, porque eles veem essa luta nos bairros, nas quermesses, nos *shows*, a gente tá sempre encostando e mandando ali um texto. A nossa literatura é marginalizada, mesmo estando em grandes editoras, porque um ladrão não deixa de ser ladrão porque roubou um banco, então o crime do raciocínio crítico que a gente promove ainda é crime. Não engrossamos a fila desses tipos, não pertencemos a esse mundo, enquanto eles discutem quem vai ganhar tal prêmio, a gente tá preocupado com a próxima chacina, com o próximo mano que não vai voltar pra casa.

**Você tem leitores tanto “no centro” quanto “na periferia”. Como se relaciona com esses diferentes públicos, haja vista que sua obra também é publicada fora do país?**

Meu relacionamento é assim: quando tem evento, e sou contratado pro centro, então faço meu trampo, quando tô na minha vida normal, tô na quebrada, ou andando por outras que me chamam, seja pra comer na casa de alguém ou pra fazer um recital de poesia, ou uma palestra, eu encosto também.

**Aliás, seus livros já estão traduzidos em alemão, inglês e espanhol. O escritor Cristovão Tezza costuma dizer que a literatura brasileira não existe fora do país, é lida em círculos muito restritos no exterior, como nos departamentos de Letras das universidades. Concorda? Como é sua relação com leitores e editores estrangeiros?**

Bom, agora chegou a notícia de que o livro infantil que fiz está acabando de ser traduzido pra Coreia do Norte, e assinei contrato também para uma tradução em espanhol. Em casos como

a Argentina, já estou indo pro quinto livro lançado. Então tem tido um progresso, no meu caso, quando vou pra outros países, faço os eventos principais, e também os que os militantes me chamam, então vejo a literatura circular por esses lugares também. O Tezza tem esse pensamento, que também tem seu sentido, mas eu sempre fico além do tempo nos eventos e vou costurando novas formas, saio do modelo formal de ficar ali sentando só pra autógrafo no dia da feira, e estico mais eventos e mais coligações, sejam movimentos feministas, espaços de hip-hop, cultura *underground*. Onde chamar a gente tá colando. Já estive em países sem estar em evento oficial, e fiquei por lá nos movimentos alternativos, nas escolas, e depois de um tempo, houve pedidos para voltar, dessa vez, para eventos oficiais. Nunca foi fácil, então a gente vai construindo de pouco em pouco.

**Há alguns anos a literatura brasileira viveu uma onda de autoficção, livros que retratavam, em maior ou menor grau, experiências do próprio autor. *Capão pecado*, logicamente, fala sobre a sua realidade. Você considera seu primeiro romance um livro de autoficção?**

Nem a pau, o livro é ficção, e claro que tem um pedaço de mim ali, mas tem muitas vidas de outros, e muita história também criada. Autoficção deixa pra quem sabe fazer bem, como o Ricardo Lisias. Quando fiz *Capão pecado*, tava numa crise foda, desempregado, passando dificuldade, então é um livro que só existe pela teimosia. Nunca pensei nele por esse lado. Peguei amigos como referência para os personagens, mas mutilei suas vidas e ficcionalizei quase tudo. É um livro de um menino que queria ser escritor, um menino que

não conseguia dormir à noite por causa da troca de tiros. Pior que vendo assim, talvez você tenha razão.

**A literatura brasileira é feita pela e para a classe média. Como você, que veio da periferia, analisa essa produção feita por professores, jornalistas e críticos? Ou, em outras palavras, a literatura brasileira fala, também, para a periferia?**

Não. Ela fala em sua maioria para quem convive com eles, a maioria não consegue saber o que é essa literatura. As pessoas gostam do que é bom, mas elas primeiro tem que ter acesso a isso, e da forma que é feito, é pra não ter acesso. Você tem exemplares mofando nas prateleiras, e as editoras conservadoras não criam métodos de vendas diferentes. Lembro que uma vez arrumei uma rede de mercados para vender meus livros e uma das editoras que tive falou que não tinha interesse em vender meus livros lá. “Como vamos vender livros pra essas pessoas que estão comprando carne e arroz?”, disseram. Então elas passam pelo caixa e compram revistas como *Playboy*, *Caras*, que é o que tem. Podiam muito bem comprar livros do Marcelino Freire, Fabrício Carpinejar, João Carrascoza, se esses autores estivessem disponíveis lá.

**Historicamente, temos uma cultura que se pretende comum. Um tipo de cultura carregada de marcas de distinção social, muitas vezes, de visão conservadora. Você já foi ameaçado de ser preso por seus escritos e já teve o *Capão pecado* contestado como leitura indevida, por conta da linguagem, em algumas escolas do país. O que pensa sobre o assunto?**

## ENTREVISTA | FERRÉZ

Quando fui algemado e levado pra delegacia, não imaginei que um texto tivesse essa força, meu pai não acredita até agora. E quando professores foram demitidos por terem adotado o *Capão pecado* nas escolas, fiquei muito triste, pois esses jovens vão ter contato de outra forma com esse mundo. Mas não podia ser de outra maneira: o dia em que parar de incomodar, a gente vai estar fazendo coro com o inimigo.

**Você estreou com um livro de poesia, *Fortaleza da desilusão*, mas foi com o romance *Capão pecado* que se tornou conhecido. Desde então, não voltou mais à poesia. A prosa é a linguagem em que você se encontrou como escritor? Pretende ainda voltar à poesia?**

Faço poesia toda semana, só não publico, guardo pra mim. Amo a poesia e aqui, na zona sul, ela conversa muito com o rap. Então faço um mix disso, uma literatura hip-hop, que só recito em espaços da molecada, em *shows*, quermesses, aí a gente joga pra ganhar. Também estou numa fase de contos e crônicas, e estou curtindo muito. Fora os livros infantis que cada vez amo mais escrever.

**Você também tem uma experiência como editor, com o Selo Povo, da Editora Literatura Marginal. Como é esse trabalho? Como seleciona e distribui autores e livros?**

Com as três revistas que lançamos desde 2000 nas bancas, já temos

mais de 45 autores e agora estamos editando o quinto livro pelo Selo Povo, de um menino de Itapeverica da Serra, chamado Wesley Barbosa. Ele tem 22 anos e até final do ano sai seu livro, que é um trabalho de militância pela cultura, mas, principalmente, para que o novo surja. Somos críticos e editamos o livro com muita cobrança, para que os autores permaneçam no mercado e consigam seguir suas carreiras. A periferia é muito mais cobrada, então temos que prestar atenção nisso. Temos, como toda editora pequena, problemas na distribuição, mas a gente supera isso fazendo o caminho inverso, transformando cada leitor e escritor num multiplicador, então assim vai caminhando.

Divulgação



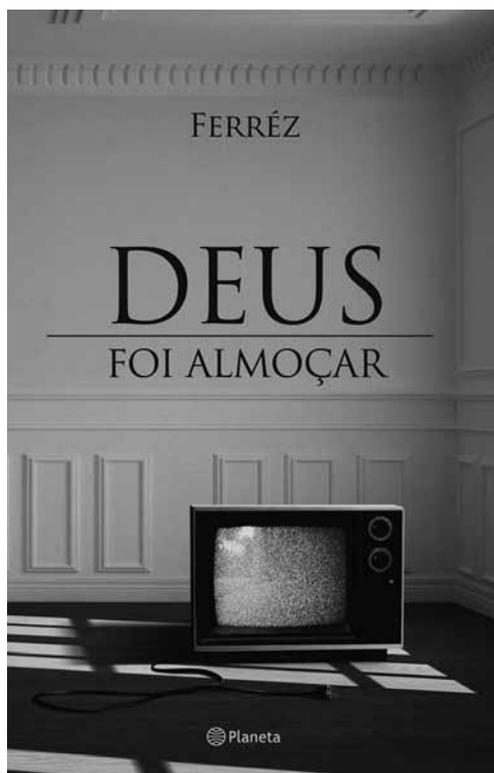
**Os títulos dos seus livros são impactantes, como *Manual prático do ódio*, *Ninguém é inocente em São Paulo* e *Os ricos também morrem*. Como, em geral, eles surgem?**

Toda vez que termino um livro, aparece o título do próximo bem na minha cara, até me cansa isso, pois às vezes o título surge e eu tenho que fazer algo com ele. É dessa forma. O conteúdo vai sendo criado no dia a dia, na correria entre um trabalho e outro que faço, aí paro em qualquer lugar e escrevo um trecho, sempre à mão, depois junto todos esses papéis picados e monto o livro. Agora estou mais moderno e tenho uns caderninhos pra não ficar tanta zona.

**Você costuma dizer que no *Capão Redondo* “a miséria é senhora”. Mas o perfil de seus personagens em *Capão pecado*, *Manual prático do ódio* e *Deus foi almoçar* mostra que a miséria está muito mais na falta de estrutura “da quebrada”, e menos nos personagens. Até que ponto acha que a precariedade da periferia desenha os sujeitos que nela habitam?**

O fluxo é esse, não tem como conviver com tanto não e fazer coisas monumentais, a vida na quebrada faz a gente dessa forma. Burlar o sistema é difícil, não impossível, mas a grande maioria segue o ritmo já programado.

**A violência é uma marca de sua prosa. Por outro lado, algumas descrições de *Manual prático do ódio* — como, por exemplo, o trecho em que narra a solidão da personagem Eliana — trazem uma melancolia que funciona como respiro na leitura, um contraste com a violência. Como esta violência, no sentido mais bruto, se faz presente na cultura dos moradores da periferia e dos processos de formação de subjetividade?**



Na real, essa pergunta é um quebra cabeça pra mim, não sei dizer não, só sei que é assim que vejo e que escrevo. Sinto solidão numa dona de casa que conheço e ela vira uma parte de um livro, se sinto ódio nos olhos de um mano, eu guardo esse momento. O que isso vira depois, aí já não tenho noção pra dizer o que é.

**Você, por meio de sua escrita, questiona o acesso aos bens culturais, a dicotomia entre “baixa e alta” cultura, coloca a sua própria cultura como formadora de linguagem. Indica também a necessidade urgente de compreensão do mundo, de como as coisas funcionam, para o levante de autoestima dos periféricos. Ou seja, colabora com processos de construção do conhecimento por vias não formais. Diante disso, poderia falar um pouco sobre como interage com sua comunidade?**

Bom, eu tô respondendo esse questionário daqui da loja de roupas no centro do Capão Redondo. Paro um pouco, vou atender um cliente, depois volto a responder, bom, essa é minha vida. Saio daqui, vou pra padaria, tomo um café e vou pra casa, no caminho sempre tem alguém encostando e perguntando se tenho dicas sobre redação, pois o cara vai prestar concurso. Outra encosta e diz se pode caminhar comigo porque tá com uma puta neurose em casa, aí um menino diz que apANHOU do pai em casa, eu digo que a gente mora perto do lixo, mas não faz parte dele, que tudo é uma fase e assim a gente vai vivendo.

**A ideia da casa como um lar “não ideal” (sempre com aspecto de estar em obra) — carente não só do alimento, mas também de artefatos**

**dignos, de conforto que gera vontade de permanência — está bastante presente em seus textos. No entanto, em *Amanhecer esmeralda*, seu livro infantojuvenil, você indica um caminho possível de mudança, relacionando o cuidado de si, com o cuidado do lar, da casa, que se expande para a comunidade. O objetivo foi fazer um contraponto à sua própria obra, de alguma maneira?**

Acho que sim, nunca pensei nisso, só tento contar histórias que possam espelhar, sei lá, trazer mudanças, e a história do *Amanhecer* é pra isso, dizer pra menina e pro menino de quebrada que a periferia tem seu lado bom, que não é só crime, álcool e destruição, que no fim das contas existe mesmo luz no fim do túnel, mesmo que a gente não veja, ela com certeza está lá, e a gente pode imaginar pelo menos. ■

# CHE NO PARANÁ



**T**entando me ocupar nesses dias tensos por serem vazios, organizei em um caderno as ocorrências do Che no Paraná. Como sua última aparição pública foi em Cuba, em 14 de março de 1965, quando comunicou a Fidel Castro que outros países precisavam de sua ajuda, Che surgiu em vários lugares até enfim ser descoberto na Bolívia, mais de um ano depois.

O Quartel General de Curitiba informa, em circular interna, a possibilidade iminente de Che estar em Curitiba, dando a descrição dele.

“Trinta e oito anos, cabelos castanhos escuros, com um nítido ‘bico de viúva’, a testa é bem saliente e dividida, olhos castanhos, nariz grosso e reto, com grandes narinas; pele clara e branca; de compleição forte e peito musculoso, não muito cabeludo; mãos um tanto carnudas, com grandes unhas chatas. Bigode repartido abaixo do nariz, crescendo numa curva natural nos cantos da boca, barba morena e escassa nas faces”.

Ri da descrição dos militares. Só uma amante, mesmo a distância, pode guardar detalhes tão minuciosos de alguém. “Peito musculoso e não muito cabeludo” é uma descrição erótica. Não se está erguendo a estampa de um perigoso soldado do comunismo, mas de um galã de cinema. Talvez este poder sedutor tenha sido o grande trunfo do revolucionário. Se fosse um hominho feio e sexualmente desinteressante não teria conquistado tantos adeptos para a causa, principalmente depois de morto. Toda ditadura precisa de um ícone, Cuba se valeu de seu guerrilheiro mais rebelde, transformando-o em um James Dean do drama ideológico em que

a revolução se transformara. Homens e mulheres ainda suspiram diante de sua imagem. Era natural que Celina estivesse tão fascinada por ele quase cinco décadas depois de seu fim.

A descrição dos militares continuava tentando alertar para as marcas do corpo do futuro deus da revolução: “Tem uma cicatriz no lado esquerdo do pescoço, logo abaixo do queixo, causada por uma ferida de bala, quase fatal, em 1961. A cicatriz quase sempre está coberta pela barba e não é discernível em fotografias”. Pensei longamente em Celina, que também tem uma cicatriz do lado esquerdo do rosto. Ela saberia desta semelhança? Teria sido alguma mulher que, ao acariciar o rosto do herói, revolvendo amorosamente seus pelos, descobriu este detalhe e o anunciou aos inimigos? Se não foi uma mulher, terá sido com certeza alguém íntimo. Che teria também uma mancha do lado direito da sobrelha. Quando não sofria de asma, fumava charutos e bebia conhaque com moderação. Depois desse retrato amoroso, vem uma estocada de desdém, de algum brio masculino ferido, uma vingança do autor do relatório. Na última vez em que foi visto, em maio de 1965, “estava muito cansado, gordo e provavelmente doente”. O belo guerrilheiro se viu transformado em alguém desinteressante e fraco.

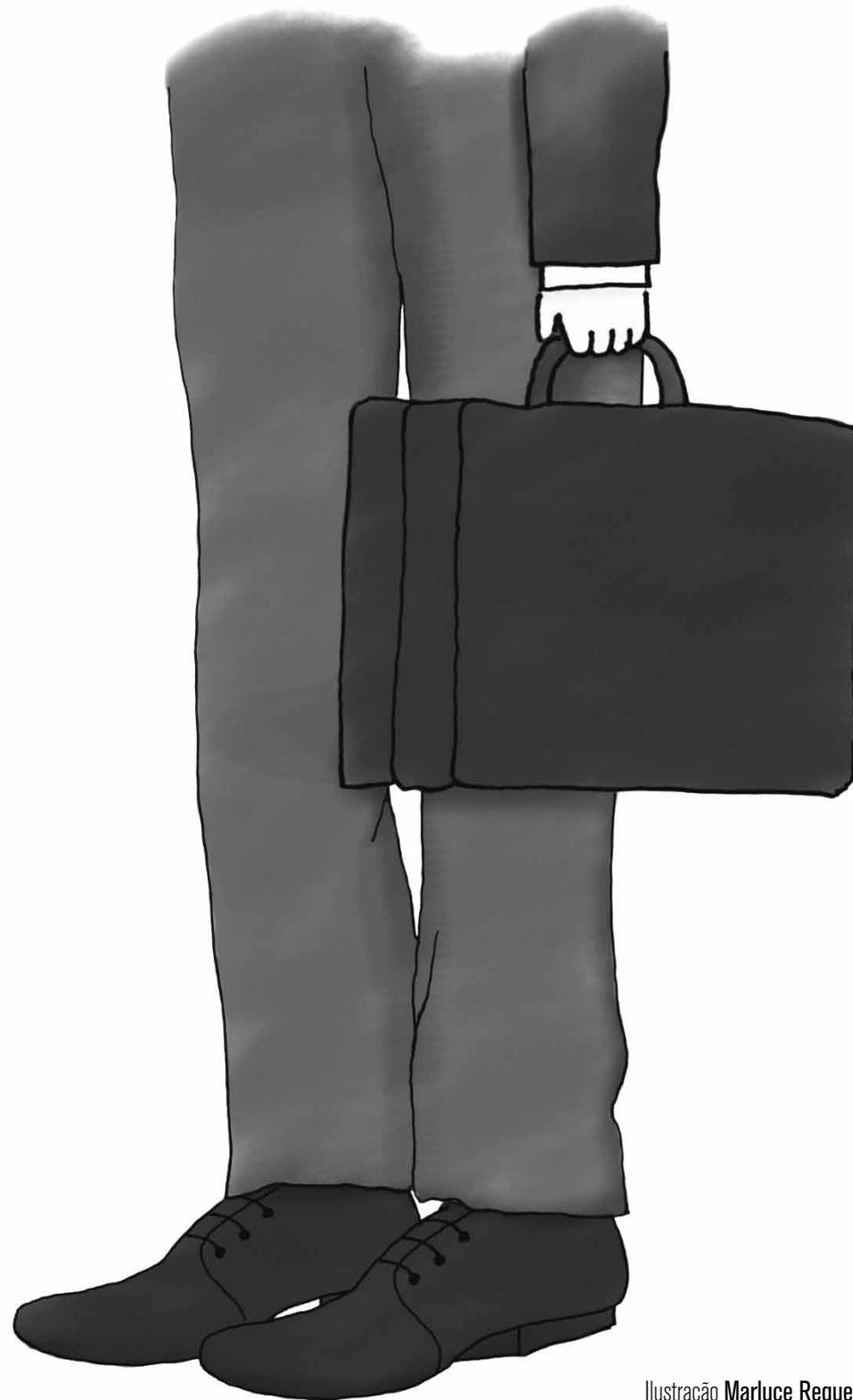
Em outro informe, ele é tido como um homem de cabelo e barba raspados, com um braço engessado em uma tpoia. Numa informação de 1967, usaria uma carteira de identificação emitida pela Polícia do Paraná e o nome falso de Antônio de Ávila ou Juan de los Santos, vestindo-se como religioso, pois

teria vindo de Recife, de ônibus, depois de um encontro com Dom Helder Câmara, o bispo vermelho.

Nessa excursão pelo Brasil, ele estava organizando os movimentos subversivos. O Paraná seria também palco da luta contra o imperialismo. No oeste do Estado, perto da tríplice fronteira, fora desmontado um aparelho de guerrilha. Em Curitiba, outro. Che vagou, nesse período, entre a Argentina e o Paraná.

Entrou no Brasil em junho de 1966 pela cidade catarinense de Dionísio Cerqueira, que é colada a Bernardo de Irigoyen, na Argentina, e Barracão, no sudoeste do Paraná. Hospedou-se num hotel no lado paranaense e, como era inverno, pediu, em espanhol, conhaque. Alto, sem barba, expansivo, praticou atos muito estranhos para a pequena urbe: deu gorjeta ao garçom e também ao jovem engraxate, que caprichou no brilho dos seus sapatos.

O que chamou a atenção é que Che estava de terno, tendo como companhia um motorista, e não se afastava de sua bolsa de documentos onde se encontravam suas armas e o dinheiro de Cuba para as suas atividades. No hotel, conversou com a mulher de outro hóspede, mostrando-se muito interessado nela. O marido assistiu a tudo com a resignação própria dos apaixonados pacíficos, evitando assim que a revolução fosse deflagrada por conta de um par de pernas, conquanto essas fossem merecedoras de todas as disputas masculinas. O recepcionista do hotel conta que o motorista ficou conversando com o marido corno enquanto Che subiu ao quarto com a esposa adúltera. Foi perguntado se ela não poderia ser uma





informante e aquele um encontro organizado por Cuba para entregar dinheiro à guerrilha, hipótese que o funcionário descartou com veemência, lembrando que depois da escapada da esposa, o marido discutiu com ela, chorou muito, abraçando-a, em visível — e deplorável — estado de sofrimento amoroso.

No período em que estive em Barracão, ninguém ainda tinha ideia de quem era o homem com o nome falso de Abram Jehangotembieski, disfarçado de viajante comercial. Só depois de sua partida é que se percebeu que a cidade entrara na rota do perigoso bandoleiro. O prefeito espalhou a notícia do visitante que evitou o percurso por Foz do Iguaçu, preferindo, para chegar a Maringá, o caminho por Cascavel, o que não era algo comum, por conta da volta que seria preciso dar. Ele escolheu esse roteiro ilógico para evitar áreas vigiadas pelo exército.

Fico imaginando que hoje, décadas depois da ditadura militar, tenha sido erguido um monumento a Che em Barracão, talvez haja até uma estátua — ele jovem, formoso e conquistador —

na praça dessa cidade que não conheço.

Che e seu motorista chegaram a Maringá em um Simca verde ou amarelo — o dono do Hotel Canadá, um certo José Rocha, não soube especificar. Ficou apenas uma noite, vagou pela cidade, também distribuindo gorjetas a funcionários, bebeu vinho e riu muito na mesa de jantar. Não houve registro de encontros amorosos, embora com esses comunistas a gente nunca saiba exatamente o que acontece.

No antigo prédio do Hotel Canadá, se é que ainda existe, poderia ser colocada uma placa em bronze: “Aqui dormiu o comandante Che Guevara enquanto preparava a guerrilha no Paraná”.

O comandante não parou quieto. Ia de um lado a outro, tanto com o objetivo de não ser preso quanto para organizar os focos revoltosos. Não permaneceu muito tempo em nenhum lugar.

Em duas ocasiões, apareceu em Curitiba. Na primeira, vindo de São Paulo, de ônibus, chegou meio bêbado à velha estação rodoviária, onde funciona hoje o Terminal Guadalupe, na rua João Negrão. Esperava o seu contato, que

não apareceu na hora em que o ônibus encostou. Então Che aproveitou para fumar um charuto. Portava terno, trazia a barba bem feita e exibia uma careca, o que o deixava incógnito. Mas foi imediatamente desmascarado por um bêbado, que reconheceu a sua voz quando lhe pediu uma informação qualquer.

— O que Che está fazendo em Curitiba?

Antes que o herói respondesse, ele o arrastou ao bar da rodoviária, exigindo que cantasse “Sabor a mi”, com sua voz que lembrava a de Lucho Gatica: “Pasarán más de mil años, muchos más / Yo no sé si tenga amor la eternidad / Pero allá, tal como aqui / El la boca llevarás / Sabor a mí”. Ele cantava mal, mas todos ficaram entusiasmados porque era em castelhano. E não resistimos aos estrangeiros, um dos nossos complexos de colonizados.

Seu contato aparece, briga com o herói que se expôs tanto assim e logo o leva a algum lugar do interior do Estado. Um dos documentos dessa visita do Che à cidade é um conto curtinho de Valêncio Xavier.

Mas ele havia estado aqui antes, na sua peregrinação sem parada. Chegou como canadense, sob o nome de Alec Alexander, acompanhado de uma enfermeira inglesa. Quem descobriu tudo foi um grupo de senhoras que se valeu de uma estratégia inusitada para confirmar a identidade do suspeito. Sabendo de um senhor alto, forte e elegante, que só falava com os curitibanos em espanhol, apresentando-se sempre ao lado de uma bela moça, as vigilantes damas marcaram um chá na casa de uma delas, convidando o casal. Queriam testar o sangue frio do Che, pois o endereço ficava a poucos metros do Quartel General. Ele chegou com pontualidade, citando os últimos versos do poema de Federico García Lorca:

A las cinco de la tarde.  
 ¡Ay qué terribles cinco de la tarde!  
 ¡Eran las cinco en todos los relojes!  
 ¡Eran las cinco en sombra de la tarde!

Além de seduzir pelas palavras (que mulher sensível não gosta de ouvir poemas com tantas exclamações?), ele também conquistava pelo visual. Bem vestido, cabelo muito arrumado, gestos de mesura, beijou a mão de todas, dissertou sobre pintura, contou histórias de suas andanças.

— De onde o senhor vem agora?, perguntou a anfitriã.

— Do México, onde moramos algum tempo.

E falou maravilhas do povo mexicano, afirmando-se também deslumbrado com Curitiba, com a recepção que tivera, e prova disso era o presente chá, tão refinado, o que negava a fama de cidade fechada, avessa a adventícios.

Depois de mais de uma hora naquelas agradáveis companhias, Che, sempre sorridente, foi embora, desper-

tando suspiros nas terríveis deladoras. Em breve deixaria Curitiba para continuar suas andanças. Ao ouvir isso, as senhoras sentiram faltar o chão — estavam ali, cara a cara, com o famoso, e formoso, bandido.

Só no outro dia tiveram forças para comunicar à polícia a verdadeira identidade de Alexander. Ele passou a ser caçado; ardiloso como era, escapou nos braços de uma bela fêmea, não se sabe sob qual disfarce.

Apareceu ainda, em períodos diferentes, no Rio Grande do Sul, na cidade de São Borja, em reverência aos herdeiros políticos de Getúlio Vargas, em São Paulo e Minas. Manifestava-se em tantos e tão variados lugares que criou um pequeno pânico nas famílias. Muitos acreditavam que ele poderia estar no prédio ao lado. E bastava um desconhecido aparecer falando espanhol, com ou sem barba, esbelto ou gordo, que surgia uma denúncia.

Neste espaço de tempo entre a sua última aparição em Cuba e a guerrilha na Bolívia, Che cresceu no imaginário das pessoas. Era todos os estrangeiros e ao mesmo tempo nenhum deles. Tinha parte com o demo. Estava no Paraná na forma de pessoas bem diferentes. Enquanto alguns afirmavam que fora morto em uma discussão com Fidel, outros juravam que fora visto na casa de um vizinho de quem sempre suspeitavam.

A sociedade curitibana, desconfiada por natureza, se empenhou na caçada ao Che, que se valia do Paraná como região de manobra, para ir da sua cidade natal na Argentina, Rosário, até o seu esconderijo em algum lugar não muito longe de nosso estado. Seríamos incorporados à nova pátria campesina que eles queriam fundar, a mesma que pouco tempo antes havia sido cogitada como território nazista. ■



 **Miguel Sanches Neto** nasceu em 1965 em Bela Vista do Paraíso, cidade da região Norte do Paraná. Em 1969, mudou-se para Peabiru, onde passou a infância. Professor na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é autor de mais de 30 livros, entre os quais os romances *Chove sobre minha infância* (2000) e *A segunda pátria* (2015). O trecho veiculado nesta edição do **Cândido** é um capítulo de *A bíblia do Che*, romance previsto para ser publicado em março de 2016 pela Companhia das Letras.

# Trampolim para a liberdade



Apaixonado pela história do samba e leitor de clássicos, o advogado João Carlos de Freitas construiu em sua casa um espaço exclusivo para guardar os 6 mil livros que reuniu ao longo da vida

KAYPE ABREU

Fotos Kraw Penas



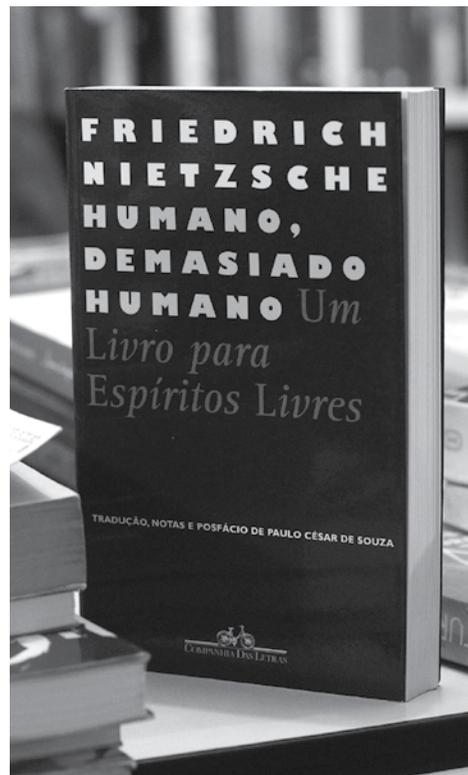
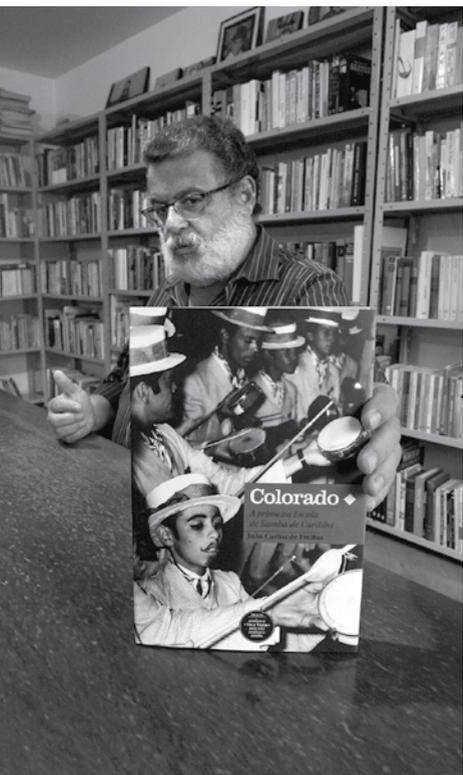
Quem entra na biblioteca do advogado João Carlos de Freitas pela primeira vez, logo se depara com sinais a respeito do conteúdo dos livros espalhados pelos 80m<sup>2</sup> do local. Quadros de ícones da esquerda (Che Guevara) e bonecos de personagens célebres como Dom Quixote sugerem as particularidades do dono do acervo. O que se confirma na primeira olhada. Clássicos da literatura universal e livros sobre a teoria socialista dominam os 6 mil volumes do acervo. Mas dividem espaço, em pé de igualdade, com tomos a respeito da história do samba e do espiritismo.

Ainda na infância, viriam duas referências que seguiriam com Freitas a vida toda: a religião espírita e a música popular brasileira. O gosto pelos ritmos brasileiros surgiu quando começou a frequentar um campo de futebol em que parte da plateia era composta por músicos da Colorado — primeira escola de samba da capital paranaense, extinta em 2010. Ao longo da juventude,

tentou fazer parte do grupo, mas, para os integrantes que o avaliavam, Freitas não levava jeito. Rejeitado, escreveu, décadas depois, sobre a história da agremiação no livro *Colorado: a primeira escola de samba de Curitiba*.

De infância humilde, um dos seus primeiros contatos com literatura foi por meio de um amigo, que o chamou para conhecer a Biblioteca Pública do Paraná e pagou para que ele pudesse tirar sua primeira carteirinha. “Desde então, nunca mais parei de emprestar livros lá. Até hoje pego um ou outro exemplar que não tenho”, afirma o advogado aposentado, que também é formado em Letras.

Mas é ao pai que Freitas credita o maior incentivo que recebeu para que se tornasse um grande leitor. Mesmo antes de conhecer a BPP, ganhou dele os primeiros livros — todos didáticos — e o conselho que levaria para a vida toda. “Ao dar livros para mim e para meu irmão, meu pai disse que aquilo seria nossa libertação. Desde então, nunca mais deixei de ler”, diz. ■



### O Livro dos Espíritos (1857), de Allan Kardec

"Das obras com essa temática, a que mais gosto é o *Livro dos espíritos*, que é a filosofia espírita em pergunta e resposta."

### A idade da Razão (1945), de Jean-Paul Sartre

"A primeira vez que ouvi falar de Sartre foi no ginásio. Um amigo disse: 'Temos que ler isso aqui'. A gente ia para um barzinho e ficava lá trocando ideias sobre o autor."

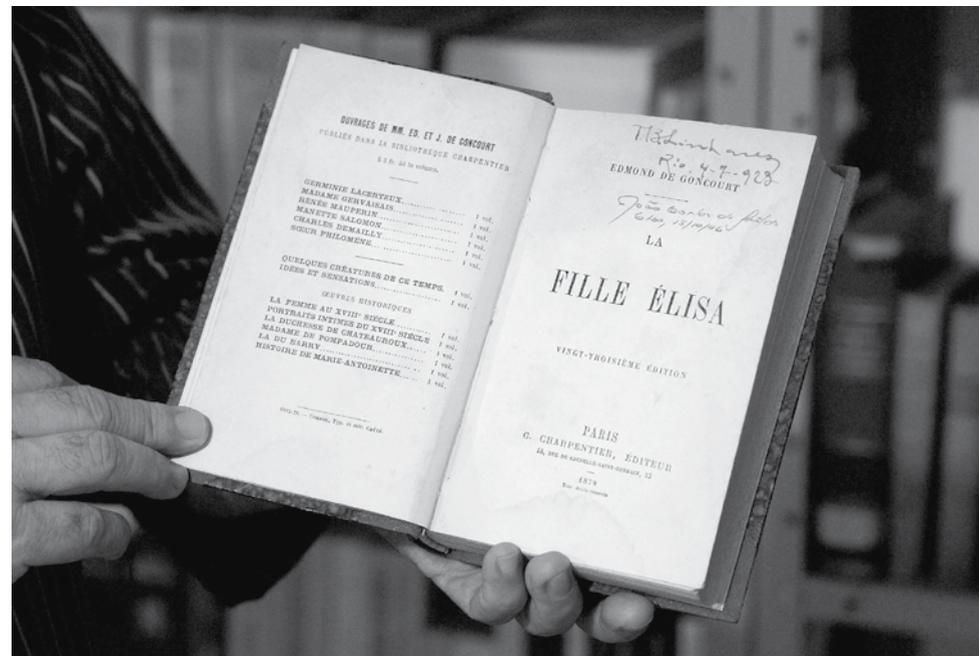
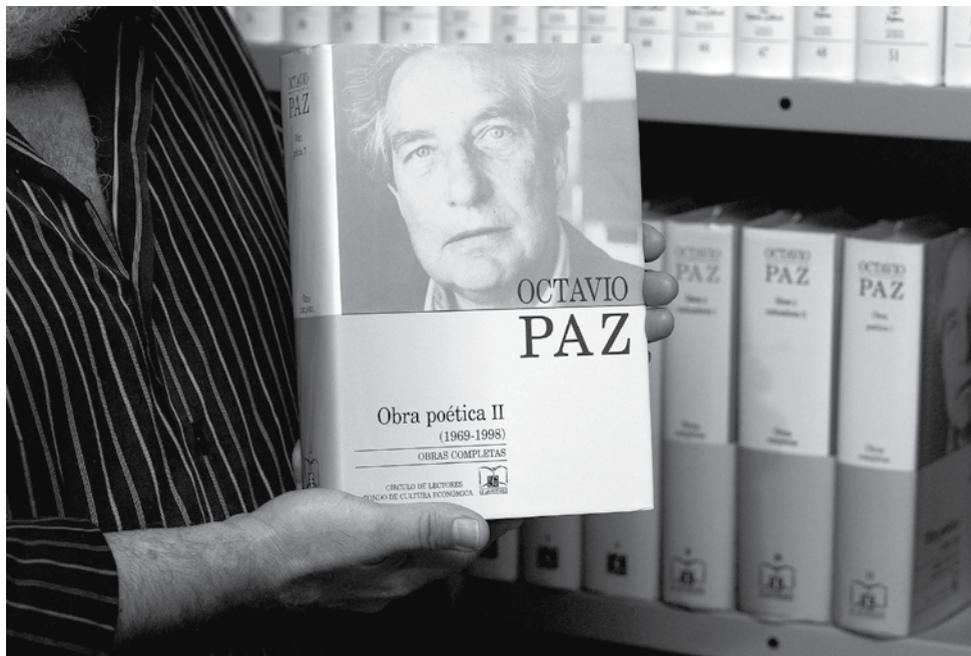
### Tratado de materialismo histórico (1970), de Nikolai Bukharin

"Foi um dos primeiros sobre teoria marxista que li. Trata de toda a história do materialismo, que é uma perspectiva de observação da sociedade. No comunismo, o grande método de observação é o materialismo histórico dialético."

### História do carnaval carioca (1958), de Eneida de Moraes

"Eneida foi uma jornalista carioca que escreveu muito sobre carnaval. Foi um dos primeiros autores que encontrei. Ela virou até personagem de um enredo de escola de samba."





## Obra Poética (1969 - 1998), de Octavio Paz

"O Octavio é um poeta mexicano. Acho que o povo mexicano tem muita semelhança com o brasileiro. Eles são muito alegres e calorosos. O Paz escreve ensaios sobre a cultura em geral, mas o México está sempre muito ligado à obra dele."

## Dom Quixote (1605), de Miguel de Cervantes

"Dom Quixote é um personagem que habita em todos nós. Quem é que não tem sonhos? Você sonha, acha que dá para mudar o mundo. Você sai a combater os moinhos de vento, figurativamente. Gosto do Quixote pelos sonhos. Ele vai com o Sancho Pança combater as injustiças."

## Chão de estrelas (1965), de Orestes Barbosa

"Orestes Barbosa é um dos maiores compositores de música popular brasileira. 'Chão de estrelas' também é o nome de uma música dele. Talvez seja o autor do verso mais bonito de MPB: 'Tu pisavas nos astros distraída/ Sem saber que a alegria desta vida/ É a cabrocha, o luar e o violão'."



# O IRMÃO QUE ESCOLHEMOS

“Preciso de sua ajuda.”  
 Foi o que Carlos me falou quando abri a porta. Ele, todo molhado, com os olhos arregalados, encolhido, quase corcunda, bota de couro desbotada, magro, com covas nas bochechas. Levantou a mão direita como se pedisse perdão e não ajuda. Eu, com o óleo no fogo para as fritas, água fervendo para o macarrão, *long* de Stella, a camisa do *Star Wars* — *Han shot first*, bermuda amassada com respingo de molho de tomate. No som do *note* um solo de Charles Mingus, enquanto o *torrent* baixava mais um capítulo do presidente Kevin Spacey. Seria uma noite perfeita, mas o irmão bateu na porta.

“Preciso de sua ajuda, irmão.”

O irmão que a gente escolhe. O irmão de viradas de noites no boteco, de desavença ideológica, de se abraçar quando aconteciam brigas nos relacionamentos de um ou de outro. O irmão sangue bom. O irmão dos negócios. O irmão do crime. O irmão que agora abre a bolsa e deixa cair

lápiz

moedas

garrafa de água sem gás vazia

tampas coloridas de refrigerante

um guarda-chuva pequeno

fone de ouvido branco

mais moedas

Halls pela metade

papeis de halls

e, finalmente, a carteira.

Passa o zíper, dentro nenhum sinal

de animais em extinção. “Nem uma onça, meu irmão”, me olha de baixo para cima. Sou maior, estou por cima.

“Preciso de ajuda”

Ele continua. Quase se ajoelha. Olho para o teto. O que aprontou? E agora, o que faço com o irmão?

“Preciso de sua ajuda, eles estão no meu pé. Fiz merda, e das grandes. Foi em Matão, entrei num esquema sem volta. Fugi com doze quilos de coca. Trouxe pra cá”.

Porra! Como é que é? Aqui?

“Eles não sabem que estou aqui, eu fui cuidadoso, não sabem de você. Não sabem do nosso passado. Tomei cuidado. Eu devia ter feito o mesmo, abandonado tudo. Como você fez”.

Fiz! Larguei essas paradas de assalto, assassinato, roubo de carga e distribuição de drogas.

“Me ajude. Preciso. Se eu voltar vão me matar. Me torturar. Me queimar vivo. Arrancar meus dedos, meus pés, meus braços. Farão do jeito que fazíamos naquela época. Não quero voltar. Não devia ter feito isso, mas precisava de dinheiro”.

Ele chora! Tento um jeito de consolá-lo apoiando a mão no seu ombro. Fizemos parte de um esquema bem desenvolvido. Como podem ver, eu era o cérebro. Depois do tiro na perna feito por um gambé filho da puta, decidi parar. Treze meses de fisioterapia. Me dediquei aos livros, HQ's, cinema, música e arquitetura. Abri uma construtora. Ele



gastou toda a grana. Bebia muito. Apos-  
tava no animal errado. Voltou ao pó. Um  
dia, o irmão que escolhi, muito chapa-  
do de coca e doce, abriu a cabeça de um  
rapaz no balcão do bar onde frequentá-  
vamos. Meu irmão alegou que o rapaz  
era um alienígena disfarçado de huma-  
no e que estava ameaçando o planeta.  
Depois daquele ocorrido, o bar nunca  
mais usou balcão.

Ele entrou, arrumei o sofá e cometi  
o macarrão. As fritas ficaram para outro  
dia. Perguntou o que eu estava fazendo.  
Disse que ia ver uma série. Ele não sabe  
o que é *House of Cards* e nem faz ideia  
de quem é Kevin Spacey.

Como não? Vencedor de dois os-  
cars. Kayser Söze. *Os suspeitos. Beleza  
americana*. Lex Luthor, do Bryan Sin-  
ger. Ainda não o conhece?

“Preciso de sua ajuda”

Meu irmão persiste! O irmão que a  
gente escolhe. Mandei-o descansar.

Amanhã resolvemos tudo. Durma.

O café passando. O cheiro acorda  
o irmão. Assustado. Ainda pensa estar  
no pesadelo.

Senta e toma o café. Daqui a pou-  
co sairemos e resolveremos as questões.

“Que questões? Tô fodido! Eles  
vão me matar.”

Relaxa, tudo será resolvido. Não  
falo deles. Arranji um lugar para você  
ficar. Mais seguro do que aqui.

“Onde?”

Você vai saber. Coma!

Descemos do carro. Ele mais lento.

Preocupado. Não para de olhar para os  
lados. Caminha. Me segue. Meu irmão  
sempre foi a minha sombra.

“Porra, na rodoviária? Esse lugar é  
todo aberto. Ficou maluco?”

Fica tranquilo. O ônibus já vai chegar.  
“Ônibus?”

Ora, pensou que ficaria aqui. Você  
precisa ficar num lugar isolado. Onde  
você deixou os doze quilos dos pós?

“Em um Monza estacionado per-  
to do mercado, na esquina do seu apê”

Certo! Me passa a chave. Eu cui-  
do do resto. Meu irmão sempre con-  
fiou em mim. Ele me admirava. Meu  
irmão queria ser eu, mas não conseguiu.  
Foi comigo que ele deu o seu primei-  
ro tiro em um homem. Carregou cor-  
pos e os mutilou. O encontrei chorando  
em cima do pai. Morto no asfalto pela  
polícia. Lágrimas e sangue mesclan-  
do na sombra pueril. Passava de carro e  
não poderia deixar aquele moleque so-  
zinho berrando para o pai acordar. Es-  
tendi a mão e abri a porta do passageiro.  
Mais de quinze anos juntos. Não o tra-  
tava como um filho. Cuidava dele sendo  
um irmão mais velho. Quando as cane-  
las espicharam, meu irmão vendia pinos  
nas festas punks e de pagode, prestava  
as contas sozinho aos traficantes e com-  
menos de vinte e cinco anos já tinha  
uma boca bem considerada na região de  
Araraquara. Ele se tornou o irmão que  
a gente escolhe.

Me entrega as chaves do carro. Sor-  
rio para ele. Passo confiança. Obrigadi!

É o seguinte, vai se sentar naquele  
banco, o ônibus já tá chegando. Eu vou  
comprar as passagens. Fica logo ali, vi-  
rando aquele guichê. Viu? Então, por fa-  
vor, me aguarde lá no banco. Não! Não  
se preocupe. Vai dar tudo certo! Vou te  
ajudar. Você é meu irmão.

Sigo para o local que havia indi-  
cado. Dobro o guichê. Paro. Encosto as  
costas na parede.

Me escondo. Não quero ver.

O meu irmão aguarda no banco em  
que pedi. Meu irmão confia em mim.  
Veio até mim. Dois homens se aproxi-  
mam do meu irmão. Cada um sacando  
uma arma. Sentam cada um ao lado dele.  
Meu irmão olha na direção em que fui  
comprar as passagens. Nenhum retorno.

Tudo vai ficar bem. Você é o irmão  
que escolhi. Pensei nas frases. O irmão  
que a gente escolhe. O irmão que des-  
pachamos. O irmão que não queremos  
como estorvo. O irmão que escolhemos  
para dar aos porcos. Tento um altar den-  
tro de mim para pedir perdão. Mas os  
santos viraram as costas.

Volto para o banco, meu irmão não  
está mais. Entrego as chaves para os dois  
armados. Explico a eles que o pó está  
dentro do porta-malas.

Vejo levarem o meu irmão. O ir-  
mão que escolhemos. Que criei e man-  
dei embora. O irmão que teve o seu fim  
porque fui eu que o trouxe para o come-  
ço. O irmão que não tem mais jeito. Pos-  
so, enfim, voltar para o Kevin Spacey e  
ferver a água para o macarrão. ■

 **Jorge Ialanji Filholini** nasceu São Paulo, em  
1988. Cofundador do site Livre Opinião – *Ideias  
em Debate*, em que trabalha como editor, colunista,  
entrevistador, administrador e organizador de  
eventos culturais. Fez parte, ao lado do escritor  
Marcelino Freire, do projeto Quebras, como produtor  
e assistente de multimídia. Recentemente, publicou  
o seu primeiro livro de contos, *Quebras: Uma viagem  
literária pelo Brasil*. Vive em São Carlos (SP).

# Admirável mundo novo

Mais do que apenas local para empréstimo de livros, as bibliotecas, públicas ou não, estão se transformando em centros culturais, espaço para convivência, pesquisa e até produção de conhecimento

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Reprodução



Bate-papos, palestras, cursos, peças de teatro e apresentações musicais são cada vez mais frequentes em bibliotecas no Brasil e em outros países. A Biblioteca Nacional da Argentina, por exemplo, abre espaço para música e outras manifestações artísticas.

“Em geral, as pessoas frequentam cada vez mais bibliotecas em busca de um lugar agradável para se concentrar em leituras e estudos.”

Michelângelo Mazzardo Marques Viana, da PUCRS

É fato, uma unanimidade e dificilmente alguém contesta: bibliotecas, há muito tempo, deixaram de ser apenas local para empréstimo de livros. O futuro das bibliotecas, dizem os especialistas, é o de se tornarem centros culturais de acesso ao conhecimento. A bibliotecária Marta Sienna, chefe da divisão de extensão da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), observa que a biblioteca pública é o equipamento cultural mais presente em municípios brasileiros. “Na realidade, biblioteca sempre foi um polo cultural, ponto de encontro de diversidades culturais”, comenta Marta.

“Diferentemente do que imaginamos, as pessoas vão cada vez mais às bibliotecas”, afirma o coordenador de Sistemas da Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Michelângelo Mazzardo Marques Viana. E esse fluxo, mencionado pelo bibliotecário da PUCRS, não diz respeito apenas ao interesse do público por atividades culturais realizadas em bibliotecas de todo o país e do mundo, como palestras, apresentações musicais, debates, sessões de autógrafa e exibições de filmes. “Em geral, as

pessoas frequentam cada vez mais bibliotecas em busca de um lugar agradável para se concentrar em leituras e estudos”, diz Viana.

Para proporcionar esse “lugar agradável”, as bibliotecas devem — na opinião do professor aposentado da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Paulo da Terra Caldeira — contar com amplos espaços e instalações adequadas e acessíveis para convivência de usuários, profissionais, funcionários, e para localização de seus acervos, serviços e atividades. “Os mobiliários devem ser confortáveis, novos e atraentes, com redes eletrônicas, equipamentos e terminais atualizados”, sugere Caldeira, completando que, antes de tudo, as bibliotecas, em especial as públicas, têm de oferecer à comunidade em que estão inseridas todo tipo de informação solicitada pelo público infantil, juvenil, adulto, idoso, portadores de necessidades especiais, alfabetizados ou não.

#### O futuro pode ser digital

Se uma biblioteca pública atende a uma variedade de pessoas, de estudantes a curiosos, uma biblioteca universitária,



A Biblioteca de Kista, localizada em Estocolmo (Suécia) foi eleita, em 2015, a melhor do mundo por representantes da Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (IFLA). Construída em um shopping center, recebeu destaque por causa de sua arquitetura e design de interiores e pela presença de tecnologias digitais.

“A biblioteca precisa acumular informação nova de confiabilidade, mas ainda preservar a integridade da informação através dos tempos. E nunca pode perder o seu foco de disseminar a informação e incentivar a leitura.”

Marta Sienna, da Biblioteca Pública do Paraná

por exemplo, tem as suas peculiaridades — relacionadas às necessidades de universitários e pesquisadores. A diretora do sistema de bibliotecas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marieta de Moraes Ferreira, defende a ideia da aquisição de livros digitais, seja para contemplar o público jovem e também pelo fato de o *e-book*, em média, ter o custo menor que o do livro tradicional, o impresso em papel.

“Mas a compra de livro digital é complexa”, afirma Marieta. Em alguns casos, uma instituição adquire uma assinatura, temporária, de um determinado livro. Em meio a uma crise financeira, pode não haver recursos para renovar o contrato e, caso isso aconteça, o acesso daquele conteúdo “desaparece”. Há 3 bibliotecas no sistema FGV, uma no Rio de Janeiro, outra em Brasília e uma terceira em São Paulo — atualmente,

com 10 mil títulos digitais no acervo.

Desde outubro de 2015, as dissertações de mestrado e as teses de doutorado defendidas na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) estão disponíveis apenas em formato digital, sem versão em papel. A universidade tem 28 bibliotecas com 1 milhão de livros físicos e 450 mil *e-books*. A coordenadora do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), Regiane Alcântara Eliel, conta que, no passado, houve algum temor em relação à tecnologia, mas as possibilidades digitais se impuseram.

Anteriormente, comenta Regiane, era necessário comprar 5 unidades de um periódico científico para os cursos de engenharia da Unicamp. Agora, a instituição adquire apenas 1 determinado periódico digital. “Além da economia, o conteúdo [digital] pode ser consultado por mais de uma pessoa ao mesmo

Reprodução



A Biblioteca Queens, em Nova York, possui um espaço, o Discover!, para crianças, com amplo acervo e equipamentos, além do design já reconhecido com prêmios pelo fato de proporcionar conforto ao público.

Reprodução



A biblioteca James B. Hunt Jr, da Universidade da Carolina do Norte (EUA), já recebeu prêmios por causa do acervo e também por proporcionar satisfação ao visitante, que encontra no espaço um local de convivência prazeroso.

Reprodução



A biblioteca da Trinity College, localizada em Dublin, na Irlanda, é um exemplo de “espaço agradável”: o prédio central abriga 200 mil títulos em um cenário onde é possível conferir, entre outras atrações, bustos de mármore de personalidades como William Shakespeare e Aristóteles.

tempo”, diz — e no caso do eletrônico, completa Regiane, há duas modalidades, a assinatura, que deve ser renovada, e a compra perpétua. “No entanto, os alunos da área de humanas têm preferência pelo suporte físico. Mas quem pretende ler artigo científico muitas vezes escolhe o livro digital”, afirma.

### Construção de conhecimento

Após visitar instituições norte-americanas, no fim do ano passado, Regiane Alcântara Eliel tem uma convicção: a biblioteca do futuro vai produzir conhecimento de maneira compartilhada. Ele conta que, na biblioteca da Universidade de Nova York, há um espaço disponibilizando computadores com programas que permitem, por exemplo, elaborar um mapa inédito e, em seguida, se for o caso, compartilhar o conteúdo. “A tendência é que as bibliotecas, não

apenas as universitárias, se tornem espaços para atividades práticas de construção de conhecimento e informação”, afirma Regiane.

Professor emérito da Universidade de Brasília (UnB) e diretor da Biblioteca Nacional de Brasília, Antonio Miranda — em sintonia com o comentário de Regiane Alcântara Eliel, da Unicamp — comenta que, no século XXI, “após deixarmos a pós-modernidade e ingressarmos na hipermodernidade”, contexto de inteligência coletiva, hiperatualização de conteúdos na internet e de compartilhamento aberto de dados, as bibliotecas precisam se ajustar a estes novos condicionamentos teóricos e tecnológicos.

Miranda diz que, no presente, já começamos a vivenciar uma dimensão de bibliotecas híbridas, em rede, participando de sistemas integrados. “Deixamos

“A tendência é que as bibliotecas, não apenas as universitárias, se tornem espaços para atividades práticas de construção de conhecimento e informação.”

Regiane Alcântara Eliel, do Sistema de Bibliotecas da Unicamp

### TER OU NÃO TER?, EIS A QUESTÃO

O professor emérito da Universidade de Brasília (UnB) e diretor da Biblioteca Nacional de Brasília, Antonio Miranda, sugere possibilidades para a administração de acervos de bibliotecas

O acervo tradicional das bibliotecas era composto por livros, revistas (hemerografia), obras de referência e alguma multimídia. Então, surge o impasse: ter ou não ter?, eis a questão. No mundo do compartilhamento, o fundamental é oferecer o que a biblioteca tem para seu público imediato, inclusive o que há de exclusivo. Além disso, como poucas bibliotecas adquirem obras físicas — muitas vivem de doações, certamente que vão aderir aos métodos de seleção mais rigorosos para a preservação documental. As obras de referência estão na web e só estão disponíveis em versão impressa as retrospectivas ou muito específicas. Enfim, as bibliotecas vão digitalizar apenas o que não estiver disponível pela internet, e os leitores vão poder acessar sem, necessariamente, frequentar o espaço físico das bibliotecas.

para trás a era do ‘poucos para poucos’ — antes da imprensa, quando poucos autores eram lidos por poucos leitores. Passamos para a era do ‘muitos para muitos’ — no período gutenberguiano, que persiste, os livros se multiplicaram e o público passou a ter a escolaridade para participar da democratização do acesso à informação, em escala crescente. Finalmente, estamos na era do ‘todos para todos’, em que qualquer pessoa publica, troca informação, critica, trabalha em forma cooperativa, universaliza o conhecimento”, argumenta.

Esta nova etapa, observa o professor da UnB, exige novas dimensões e técnicas para o adequado aproveitamento de suas potencialidades: “O futuro das

bibliotecas é justamente o de se constituírem em centros culturais de acesso ao conhecimento e de congraçamento e criação coletiva, além da preocupação com o patrimônio cultural de seu entorno, para uso local e sua difusão sem limites.”

Miranda enfatiza que a “biblioteca do futuro” deve ser um empreendimento dos bibliotecários, de especialistas das áreas culturais e científicas — “ligadas ao ideal do fomento da criatividade, do aprendizado coletivo presencial e à distância, e do acesso à informação como um direito humano e universal”.

### O joio e o livro

A gestão de Affonso Romano de Sant’Anna à frente da Fundação

Biblioteca Nacional (FBN), entre 1990 e 1996, deixou como legado o Programa Nacional de Leitura (Proler), além da criação de bolsas para tradução de livros brasileiros e uma reforma do prédio, entre outras ações. Hoje, se estivesse no cargo, Sant’Anna — poeta e ensaísta — diz que desenvolveria projetos “transformando” os celulares em bibliotecas pessoais. “As pessoas podem ter acesso a Machado de Assis e Alexandre Dumas ou, então, ler vários jornais do mundo. Todo mundo tem uma biblioteca nas mãos. Mas nem todos sabem disto”, observa. Ele também gostaria de transformar *lan houses* em modernas bibliotecas, “onde o jogo estivesse ao lado da leitura.”

“A informação não tem dono, vem daqui, vai para lá. Não vem de cima, não vem de um ponto certo. Os mais atentos tentam selecionar o que interessa e montam um significado possível.”

Affonso Romano de Sant’Anna



Reprodução

A biblioteca da Universidade de Nova York tem espaço com computadores e equipamentos por meio dos quais é possível pesquisar e produzir conhecimento, que pode vir a ser, inclusive, compartilhado.

“O futuro das bibliotecas é justamente o de se constituírem em centros culturais de acesso ao conhecimento e de conagraçamento e criação coletiva, além da preocupação com o patrimônio cultural de seu entorno, para uso local e sua difusão sem limites.”

Antonio Miranda, da Universidade de Brasília

Desde o advento da internet, na década de 1990, aconteceram inúmeras transformações, inclusive no universo da informação e, de acordo com Sant’Anna, nem todas as pessoas perceberam as mudanças. “Antigamente, havia a noção de que o ‘mundo era um livro’. As coisas estavam escritas e os mais sábios liam até estrelas e as vísceras dos animais. Hoje, o mundo é um livro, mas diverso: todo mundo tem acesso à informação e até à palavra escrita. Mas, agora, a informação não tem dono, vem daqui, vai para lá. Não vem de cima, não vem de um ponto certo. Os mais atentos tentam selecionar o que interessa e montam um significado possível”, teoriza.

O discurso de Sant’Anna diz respeito, e muito, a bibliotecas. “Afinal, hoje estamos vivendo o excesso de informação. O livro se tornou uma banalidade. Quem frequenta uma Bienal do

Livro fica pasmo diante de tantos ‘descartáveis’. Nosso problema, hoje, é diferente do de ontem. Agora, trata-se cada vez mais de selecionar a informação. E isto tem lá suas complicações”, afirma, acrescentando que o desafio que se apresenta aos leitores, aos bibliotecários e aos gestores de bibliotecas será, de fato, selecionar o conteúdo.

Marta Sienna, da BPP, dialogando com Sant’Anna, afirma que a biblioteca do futuro, enfim, deverá viabilizar acesso rápido à informação, e não mais, por exemplo, atuar apenas acumulando acervo por meio de aquisição de livros e/ou outros materiais. “Porém, a biblioteca precisa acumular informação nova de confiabilidade, mas ainda preservar a integridade da informação através dos tempos. E nunca pode perder o seu foco de disseminar a informação e incentivar a leitura”, afirma Marta. ■

## MOBILIDADE, E-BOOKS E JEGUE-LIVRO

A convite do Cândia, o coordenador de Sistemas da Biblioteca Central Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Michelângelo Mazzardo Marques Viana escreve sobre o futuro das bibliotecas

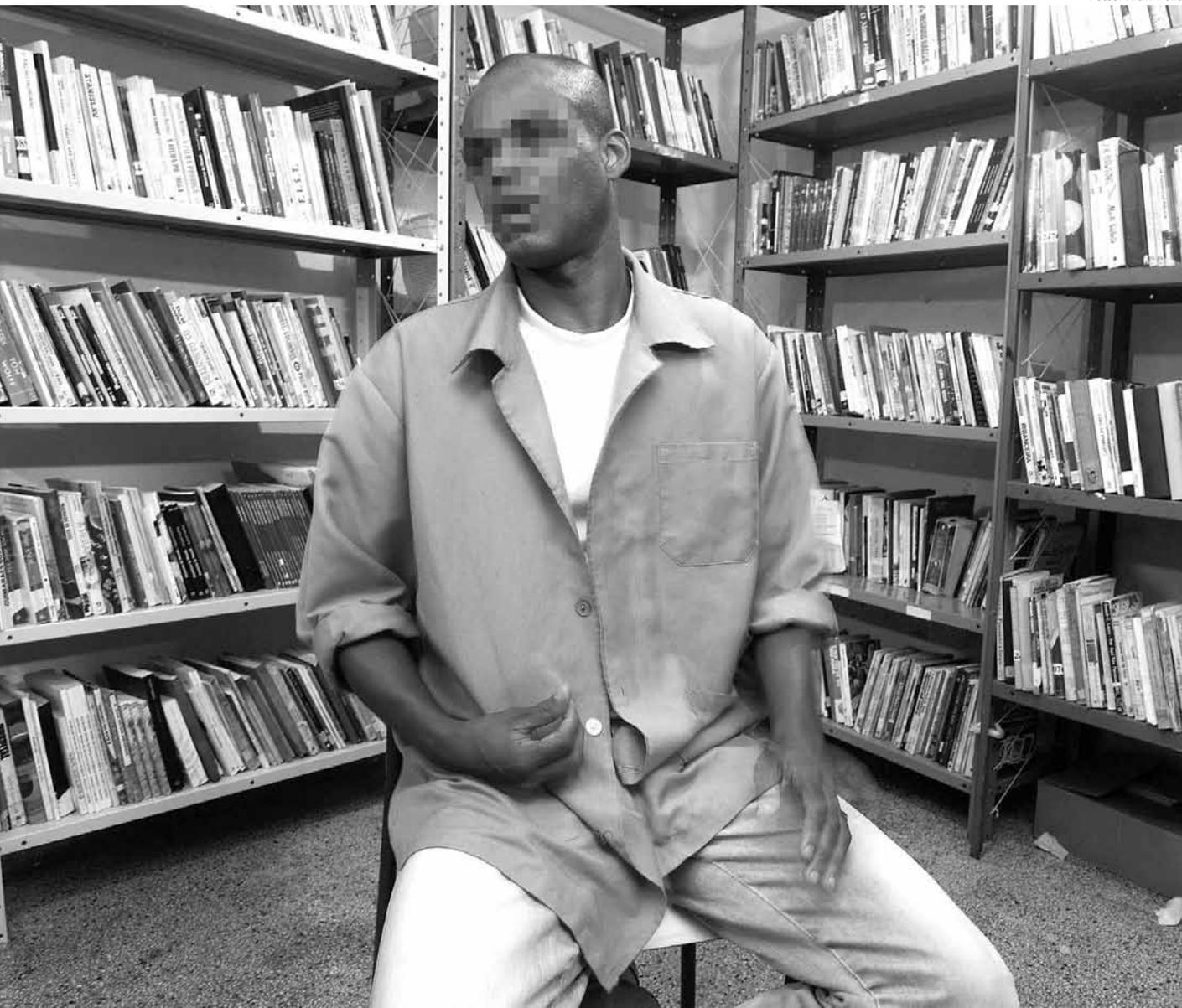
A biblioteca do futuro estará cada vez mais fora da biblioteca. Biblioteca como “um lugar para guardar e ler livros” é um conceito do passado. “Mobilidade” é a palavra-chave dessa mudança. Se antes o leitor precisava ir até a biblioteca, agora é a biblioteca que vai até o leitor. Diversas iniciativas de “bibliotecas móveis” já se espalham pelo país e permitem aos leitores terem acesso a livros onde estiverem — entre as quais, destaco caixa-estante itinerante, biblioteca na praia, carro-biblioteca, bicicloteca, bambucicloteca, poste-estante, biblio-jegue ou jegue-livro. A biblioteca do futuro também será uma biblioteca *on-line*, tanto para leitura de livros eletrônicos (os *e-books*) e vídeo-aulas em computadores, tablets e *smartphones*, quanto para comunicar-se com os leitores por meio de redes sociais e aplicativos de troca de mensagem.

# MENTES EM FUGA

A reportagem do **Cândido** visitou uma penitenciária para entender como funciona o projeto de remição de pena por meio da leitura no Paraná

OMAR GODDY

Fotos: Kraw Penas



**A**s sextas-feiras costumam ser muito aguardadas por um grupo de detentas do Complexo Médico-Penal do Paraná, em Pinhais, na Região Metropolitana. É dia de visita, mas elas não recebem amigos ou familiares. Quem leva algum alento à penitenciária é a professora responsável pelo projeto Remição de Pena pela Leitura, do Departamento de Execução Penal (Depen).

Semanalmente, a funcionária concursada sugere livros, promove leituras coletivas e ajuda as presas a produzir os textos que podem diminuir o seu tempo de reclusão. O mesmo acontece nos outros 31 estabelecimentos penais mantidos pelo governo estadual, distribuídos por dez municípios. Iniciado em 2012, o projeto pioneiro no país hoje conta com cerca 2,5 mil participantes — quase 13% do total de 19,5 mil apenados do Paraná.

No início de cada mês, o detento interessado escolhe um livro da biblioteca instalada em sua unidade (mais 30 mil volumes foram doados para o Depen nos últimos dois anos, graças a uma campanha permanente do órgão). Vinte dias depois, ele deve escrever uma espécie de resenha sobre a obra, na presença do professor responsável. O texto é avaliado pelo próprio orientador e pode ser reescrito. Se a nota for igual ou superior a 6,

Fernando lê dois livros por mês, um para o projeto e outro por interesse pessoal.



Três das detentas grávidas que participam do projeto de Remissão pela Leitura.

o participante tem quatro dias de sua pena reduzida. Ou seja: em um ano, é possível “abater” 48 dias de prisão.

Marta Carvalho é a professora que atende atualmente o Complexo Médico-Penal, uma unidade considerada diferente das demais por abrigar vários perfis de apenados. Há gestantes, policiais envolvidos em crimes, portadores de doenças mentais graves e até presos da Operação Lava Jato da Polícia Federal. Mas, para ela, os motivos que levaram os alunos à penitenciária são indiferentes. “Nunca pergunto o que eles fizeram para estar aqui”, garante Marta, que recebeu a reportagem do **Cândido** em Pinhais no final de novembro.

Diante de um grupo de grávidas, a professora fala sobre uma expressão que inventou e hoje é corrente no vocabulário dos participantes do projeto: “leitante” — aquele que lê bastante. “No início, achei as mulheres muito mais resistentes ao meu trabalho do que os homens. Hoje, não. Elas querem ler o tempo todo, trago até livros e gibis que eu tenho em casa para dar conta de tantos pedidos”, diz.

Segundo Marta, quando um bom leitor chega à unidade, ele rapidamente influencia os outros companheiros. É o caso de Laura (todos os nomes de presos

foram trocados), a principal “leitante” da turma. “Sempre gostei de ler. Antes de ser presa, tinha o costume de levar dois livros para a cama. Um infantil, que lia para os meus filhos, e outro para eu ler depois de eles dormirem”, conta. Para ela, a literatura, nas circunstâncias atuais, equivale a uma fuga. “É como se eu fosse lá fora, desse uma volta e conversasse com outras pessoas”, afirma.

O mais comum, no entanto, é a descoberta do prazer da leitura ali mesmo. Tatiana, dona da barriga mais “avançada” do grupo, lembra com arrependimento da época em que não dava bola para os livros. “Minha outra filha vivia me pedindo para ler junto com ela os livrinhos da escola, mas eu nunca aceitava. Quero mudar isso quando sair daqui”, diz.

Fernando, o único homem liberado pelo Depen para conversar com a reportagem, também fala em “tempo perdido”. “Demorei muito para entender a importância da leitura. Mesmo sendo formado em Pedagogia, o máximo que eu lia eram os livros técnicos do curso”, conta. Detido há um ano, ele mantém uma média de dois volumes lidos por mês — um para o projeto de remissão e outro por interesse pessoal.

Seus autores preferidos são Clarice Lispector (“Há um mistério por trás da escrita dela”) e Machado de Assis

(“Gosto quando ele conta as histórias de trás para frente”). Mas, no momento, toda sua atenção está voltada para uma biografia de Nelson Mandela, enviada pela família. “Já tem um monte de gente na fila querendo emprestar”, revela. De acordo com o Departamento, os volumes entregues durante as visitas são automaticamente doados para a biblioteca da penitenciária. Quem recebeu o presente pode até ler primeiro, no entanto o livro deve ser compartilhado.

Para Fernando, a oportunidade de reduzir a pena é apenas um chamariz para a leitura. “Depois que você entra no projeto, percebe que quatro dias não são muita coisa. No fim das contas, acaba sendo um ganho mais simbólico”, afirma. “A maior motivação é o conhecimento. E também a satisfação de ver os companheiros trocando ideias sobre livros. Alguns, que a gente chama de ‘poetas’, até aprendem a recitar trechos inteiros de cabeça”, completa.

Integrante da equipe do Depen que concebeu e implantou o projeto no Estado, Agda Ultchak concorda com Fernando. “Quando um preso faz a adesão, ele vem movido exclusivamente

pela remição da pena. Mas, após a leitura do terceiro ou quarto livro com a mediação do professor, acaba se encantando pela literatura”, diz.

Segundo Agda, os benefícios do programa vão além do acesso ao aprendizado e da redução dos efeitos negativos da prisão (como a depressão). “Quando os participantes fazem o Enem, tiram boas notas em redação e interpretação de textos, diferentemente dos que não leem com frequência. Temos também muitos apenados que nunca haviam lido um livro, e casos de leitores privados de liberdade que acabam incentivando os filhos a ler durante as visitas”, explica.

Mas há também quem encare a leitura como mero passatempo — o que por si só já seria um alívio considerável para quem vive num “cubículo” (como eles chamam as celas compartilhadas). Como bem resumiu a detenta Cláudia, uma das grávidas orientadas pela professora Marta, o livro tem sido a grande diversão da cadeia. “O livro é o nosso cinema, nossa música, nossa televisão. Por isso a sexta-feira é o melhor dia da semana”. ■



A professora Marta Carvalho mostra um dos *hits* do Complexo Médico-Penal



Segundo Agda Ultchak, da equipe do projeto, muitos presos acabam incentivando os filhos a ler também.

OS  
MAIS  
LIDOS

OMAR GODDY

Uma das características do projeto Remição de Pena pela Leitura é a inexistência de uma lista obrigatória de títulos resenháveis. Há uma preferência por clássicos da literatura brasileira e mundial, mas os presos também podem ler biografias e estudos nas áreas de História, Sociologia e Filosofia. Dependendo do autor, até livros de autoajuda são aceitos (contanto que o participante não insista no gênero em seus textos seguintes). Apenas material religioso é proibido, em respeito à laicidade do Estado.

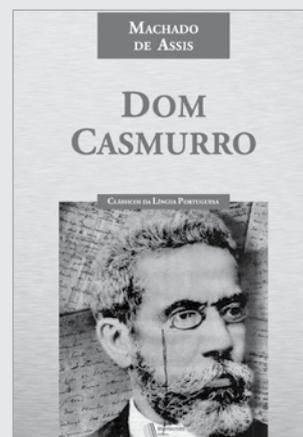
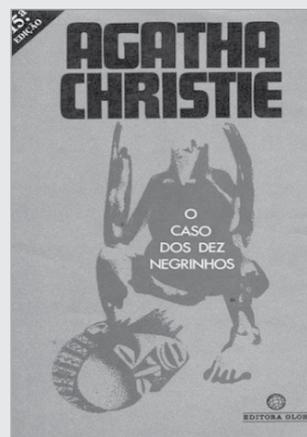
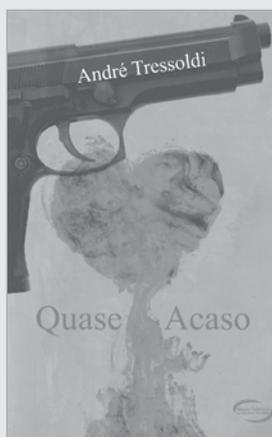
Essa flexibilidade faz com que a relação dos títulos mais resenhados em cada penitenciária traga algumas surpresas. No Complexo Médico-Penal, por exemplo, um dos autores campeões de leitura é o paranaense André Tressoldi. Figura pouco conhecida no circuito da literatura contemporânea, ele emplacou dois livros entre os *hits* da prisão: *Quase acaso* (2012) e *Lua, lobos e cerrado* (2014).

O primeiro conta a história de dois amigos de origem pobre que tomam rumos diferentes na vida: enquanto um estuda para virar “doutor”, o outro se envolve com a máfia. Já *Lua*, como o título sugere, traz uma fábula sobre lobisomens ambientada no Brasil. “São histórias que envolvem, tem suspense. Mas acho que o pessoal gosta do *Quase acaso* por causa da parte do mafioso mesmo”, diz a detenta Laura.

Para o preso Fernando, o sucesso de um título depende do boca a boca interno. “Se um lê, gosta e começa a falar sobre o livro, todos os outros ficam curiosos e querem ler também. Essa conversa também ajuda na hora de escrever a resenha, porque você vai mais preparado”, explica.

Entre as obras mais conhecidas, os preferidos nacionais são *Dom Casmurro* (Machado de Assis), *Senhora* (José de Alencar), *Quincas Berro D'Água* (Jorge Amado) e o infantojuvenil *A bolsa amarela* (Lygia Bojunga). *A revolução dos bichos* (George Orwell), *O príncipe* (Maquiavel), *O retrato de Dorian Gray* (Oscar Wilde), *O Pastor* (Frederick Forstyth) e *O caso dos dez negrinhos* (Agatha Christie) aparecem na lista internacional.

Obras sobre a realidade da prisão, como *Memórias do cárcere* (Graciliano Ramos) e *O último dia de um condenado* (Victor Hugo) também têm boa saída da biblioteca, mas se engana quem pensa que essa é a temática predominante. “Nós não nos interessamos tanto por histórias da cadeia, afinal já estamos passando por isso. Gostamos mais de livros sobre família, sentimentos e superação. Como os da Lya Luft”, afirma Fernando.

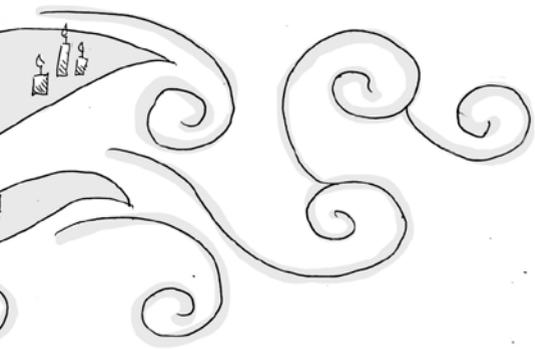




# ANITA

**A**ninha do Bentão, assim a chamavam, mas aquela já era Anita, pensou Giuseppe; só que nem ele, nem ela, sabiam ainda. Tampouco sabia sua mãe, Maria do Bentão, na casa em Laguna, onde viviam; dali fora embora Bentão, o marido tropeiro, de uma vez para sempre, assassinado por vingança, o que fez a mãe se esconder atrás do próprio medo; em vez de honrar o marido morto, ou resguardar sua memória, preferiu dizer que tinha sido merecimento, como se todo e qualquer destino fosse um fim merecido; preferiu pensar que ele tinha atraído a morte. Anita não sabia tudo, porque a mãe não lhe contava; sabia que, ao morrer, Bentão, sem querer, deixara para trás a mulher, nove filhos, patos, galinhas e aquele cavalo no qual ela chegou a galope, saltando no meio do alarido dos bichos, espantados no terreiro.

A casa era de parede de taipa e chão de terra batida; o sol que entrava pela janela deixava ver brilhando como ouro dos pobres o pó suspenso no ar.



Na cozinha, a fumaça do fogão a lenha enegrecia o telheiro sobre as vigas de madeira pesada; um canto servia de altar para imagens de santos e velas votivas que a mãe acendia com mãos torturadas. Ao redor da mesa de centro, uma peça comprida, de madeira nua, brincavam seus oitos irmãos; à cabeceira sentava-se Maria do Bentão, vestido negro de luto, com o tio Antonio, vindo de Lages, a 200 quilômetros, para o funeral; interrompeu a conversa ao ver chegar a filha a toda brida.

Onde você andou, Aninha?

Ela explicou, falou do carreteiro, do susto, de como lhe abrira a cara com a vara de bater no cavalo. Bati na cara, enfatizou ela: se pudesse, matava.

A mãe se assustou; disse que a filha saía bem ao pai, daquele jeito acabava mal; a culpa disso é tua, Aninha, quem mandou ser assim, com esse teu jeito desabrido, tu atijas os homens. O tio pediu calma a Maria, segurou sua mão; Anita olhou o tio, estranhando,

como se visse agora em todo gesto de homem uma segunda intenção; Bento mal era partido, seu lugar pouco esfriado, e vinha alguém para ocupar o espaço. Estranhou ainda mais o conselho que ele deu em seguida, continuação da conversa que vinham tendo antes; Maria, é como eu estou dizendo, vocês não podem mais ficar aqui, disse ele.

Ela sacudiu a cabeça, bufou, negaceou; o pano negro do vestido destacava o rosto, que ainda levava algo de uma antiga beleza, curtida pelo tempo e a necessidade; cada ruga era marca de um filho no colo, da roupa lavada, dos momentos que com Bento tinham sido enterrados. Aqui é a minha casa, ela disse, e reforçou, onde eu vivi com o teu irmão. A expressão foi dura, de quem via passada a dor, levantava a cabeça e olhava adiante; as crianças saíram porta a fora, levando longe o seu alarido, e ela colocou as mãos sobre o rosto, em prece silenciosa, de confessorário; sabia tão bem quanto ele que perdera não

somente o marido, como a proteção; porém era cedo para o futuro, precisava de tempo para assimilar as sentenças da vida. Vocês não têm como se sustentar num lugar tão grande, insistiu o tio Antonio, e eu mesmo não sei por quanto tempo poderei ajudar. A guerra está chegando. Lages está se movimentando para se juntar aos republicanos. Laguna também. Bento Gonçalves logo vai ser o nosso presidente, dizem que está juntando armas e homens para entrar em Porto Alegre; eu estarei com eles.

Maria levantou a cabeça, deixou as mãos caírem sobre o colo; Anita sentou-se, ainda com o relho na mão. Olhou o tio dessa vez com interesse, queria saber da guerra; ali na mesa parecia ainda jazer o morto, no lugar onde tinha sido limpo com toalhas úmidas, perfumado, velado e benzido; a cera das velas ainda desenhava a forma do corpo, e ela sentiu raiva, e sede: sede de seguir com o tio, com quem quer que fosse que lhe desse uma espada, não por

vingança, mas para saciar aquela vontade de sair dali, de matar, tirar algo de alguém, como deles se havia tirado. Antonio, disse a mãe, pensa em nós, não tenho mais a quem recorrer. Ele, porém, balançou a cabeça: ninguém mais quer viver desse jeito, escravo de impostos, beijando a mão desse Dom Pedro que só quer manter o Brasil como colônia de Portugal. Vamos acabar com a monarquia, começando aqui pelo sul do Brasil, disse ele, sentencioso e áspero: é a guerra, Maria! Guerra de verdade! Vocês precisam sair daqui, vão para minha casa. Veja Aninha por aí às voltas com esse carreteiro, tens um motivo a mais. Leve-a embora, devo a meu irmão a segurança de todos vocês! Se algo lhes acontecesse, nunca me perdoaria.

Anita se impacientou; não gostava de ser tratada como criança, nem daquela generosidade do tio, que parecia

ir além da simples bondade; não tenho medo de nada, disse ela, quero ser como Felicidade, vou entrar nessa guerra com o senhor! Também quero a liberdade, não é porque sou mulher que passarei a vida pedindo ajuda, minha liberdade vai ser conquistada.

A mãe bateu na mesa com a mão espalmada; onde já se viu, tu entras na guerra, disse, exaltada; tua irmã Felicidade foi para o Rio de Janeiro se casar, não andar sem roupa nem viver no mar, muito menos matar gente. Tu não és livre coisa alguma, és uma perdida; quem manda sair por aí feito homem, andando em cavalo montado a pelo? Provocas todo mundo, com esse teu comportamento desabrido; se não respeitas o meu luto, a minha tristeza, podias respeitar o defunto fresco do teu pai, que Deus o tenha.

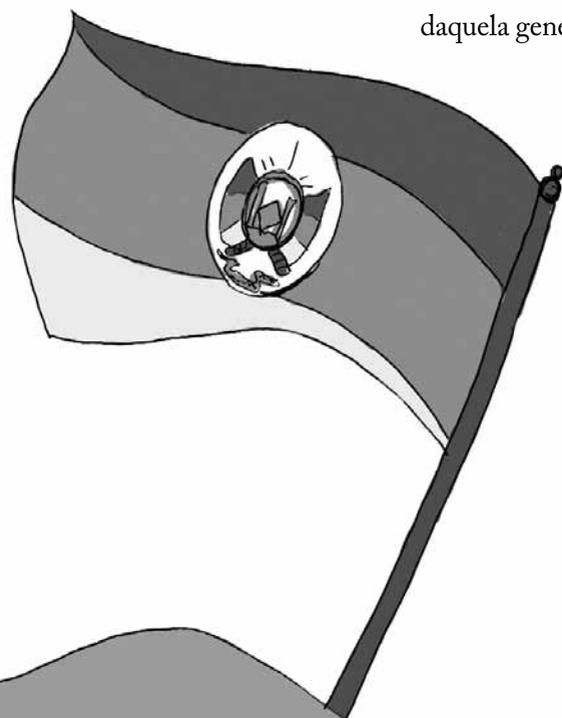
Em outros tempos, Anita talvez se calasse; mas amadurecia para a liberdade;

a morte do pai lhe tirara a última rédea, e liberdade naquele momento era tudo, de enfim viver como queria, de fazer o que queria, e da liberdade de seu país, o Brasil livre, livre de Portugal. Eu sou livre, disse ela ao tio; somos todos livres, como o senhor me ensinou, como meu pai ensinou; ele sempre viveu livre, andando pelo mundo, e agora que está morto, está mais livre do que nunca, longe de toda tristeza.

Bateu a vara de salgueiro na mesa e jogou-a longe; um irmão colocou o queixo na janela, assustado com o barulho e o seu tom de voz; Anita se levantou e saiu como entrou, feito tempestade.

Ai meu Deus, disse Maria do Bentão; estou perdida.

Antonio colocou uma mão no ombro da cunhada, como se pudesse assim ampará-la na desolação; repetiu que a guerra chegava, ela precisava de abrigo,



para quando a guerra estourasse; e mais, sugeriu que Anita precisava de casamento, como acontecera com a irmã mais velha, já remediada. Até parece que tu não acabaste de ouvir o que ela disse, atalhou Maria do Bentão; essa menina é um burro xucro, teimosa, vai casar com quem? Alguém há de pôr a peia nela, disse Antônio, firme; ela tem catorze anos, já tem idade, e alguém há de se arrumar.

Quando Giuseppe ouvia Anita falar de como se arranjava para ela marido, divertia-se a valer; imaginava o tio a dizer, que alguém coloque a peia nela, e quando lembrava dessa frase, Anita ria; Giuseppe puxava a guia de cabresto no bivaque e a laçava pelo pescoço; beijava-a, dizendo que agora estava domada, e a tinha só para si; assim são os selvagens, explicava ele, precisam da peia, porque sem isso quem campeia a vida toda não encontra jamais amor. ■

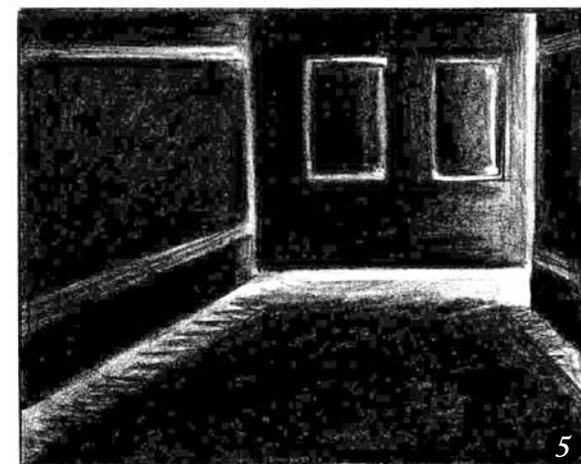
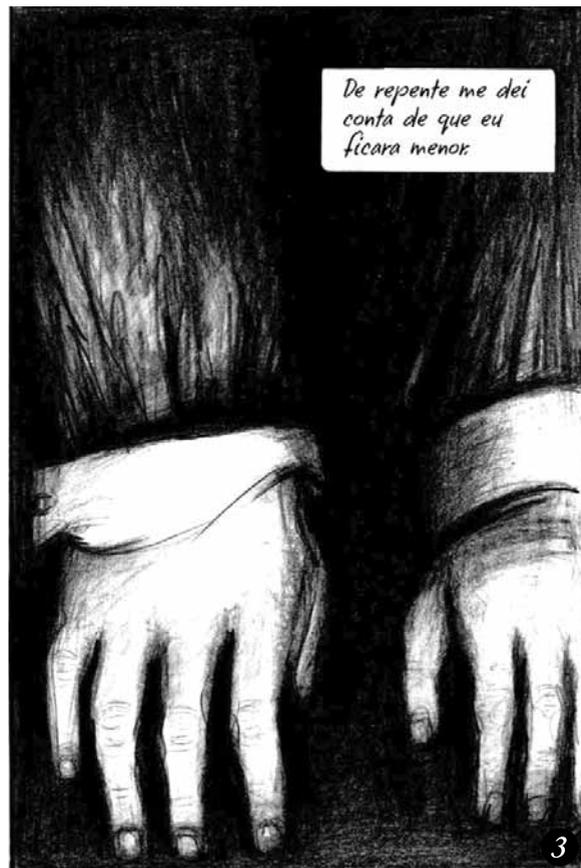
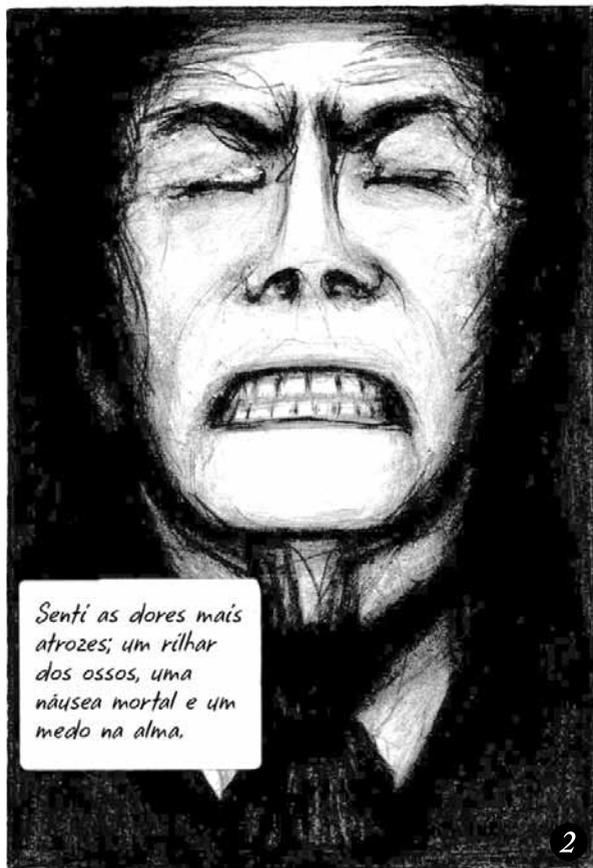


Thales Guaracy é jornalista com passagem pelas redações de *O Estado de S. Paulo* e das revistas *Exame* e *Veja*. Como diretor editorial da Saraiva, criou o Prêmio Benvirá de Literatura e publicou obras de Patricia Highsmith, John dos Passos, William Faulkner e Hermann Broch. Atualmente, está totalmente dedicado ao desenvolvimento de sua obra, com dois livros de não-ficção sobre a história do Brasil em andamento. O romance histórico *Anita*, que o *Cândido* antecipa um trecho nesta edição, será publicado pela Planeta em março de 2016. Guaracy nasceu e vive em São Paulo (SP).

## ROMANCE GRÁFICO | O MÉDICO E O MONSTRO

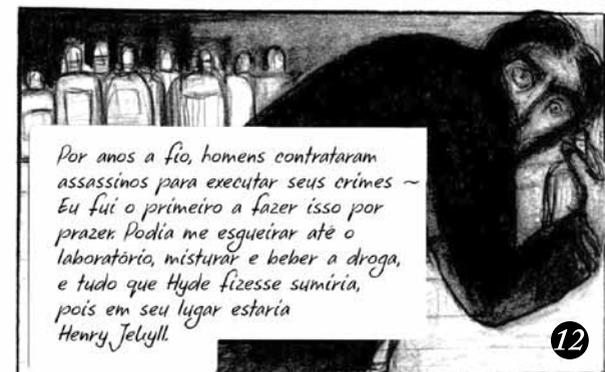
O *médico e o monstro* (1886), do escocês Robert Louis Stevenson, é uma das mais célebres histórias de horror da literatura mundial. O livro conta como o Dr. Jekyll, um respeitado médico inglês, vai se afastando do convívio com os amigos, ao mesmo tempo em que o assustador e misterioso Sr. Hyde parece ter cada vez mais influência sobre ele. A partir do momento em que alguns crimes brutais passam a assustar os moradores da Londres do século XIX, um amigo do Dr. Jekyll começa a suspeitar que algo muito estranho está acontecendo e inicia sua própria investigação. A adaptação publicada pelo **Cândido** faz parte do livro recém-lançado *Cânone gráfico — Volume 2*, da Boitempo Editorial, e foi concebida pelos artistas Danusia Schejbal e Andrezej Klimonski. Organizado pelo americano Russ Kirk, o volume reúne adaptações de clássicos da literatura universal como *Orgulho e preconceito* (Jane Austen), *Moby Dick* (Herman Melville), *Fó-lhas da relva* (Walt Whitman) e *Crime e castigo* (Fiódor Doistoiévski). ■





## ROMANCE GRÁFICO | O MÉDICO E O MONSTRO





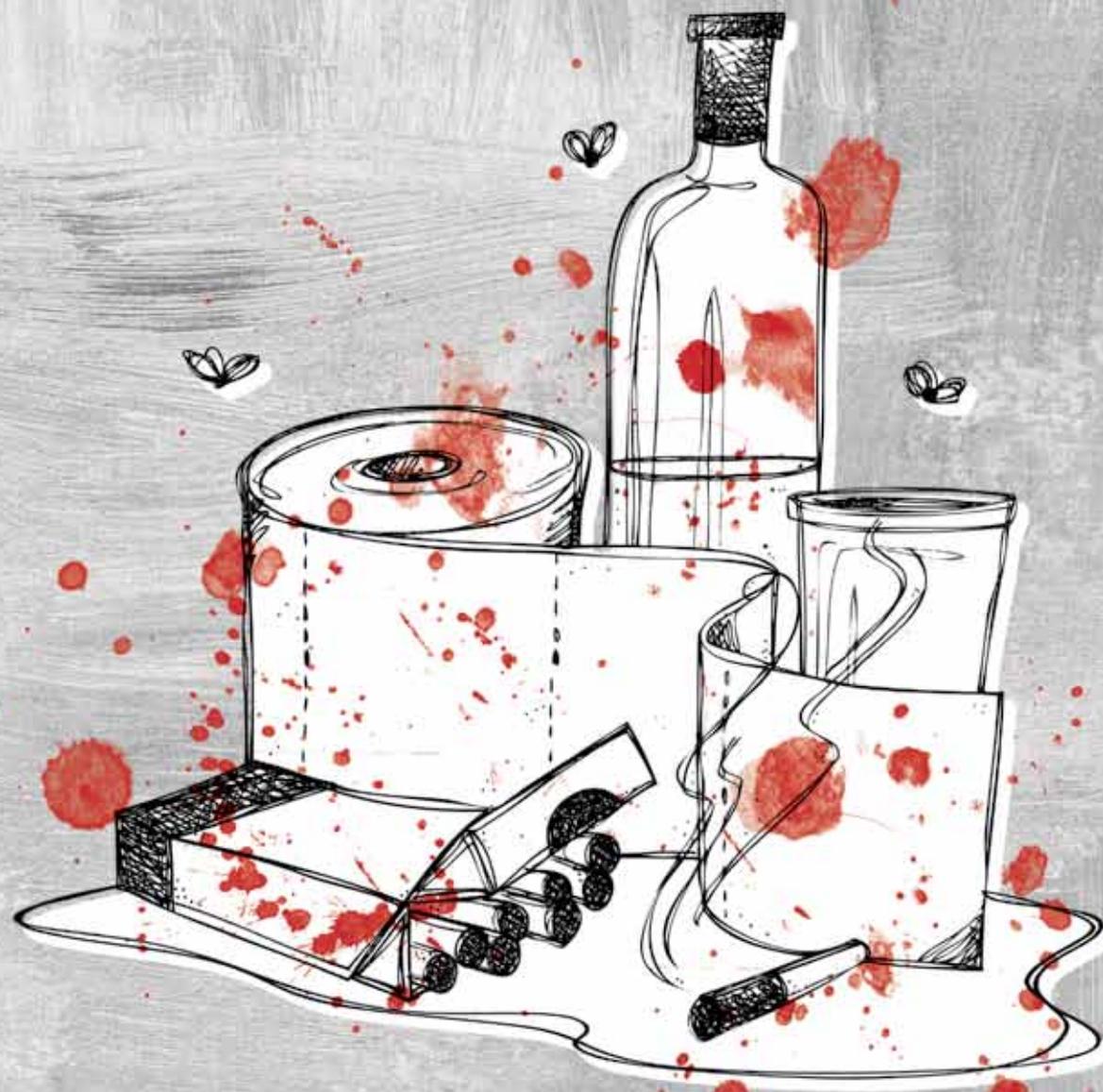
# CLIQUESES

## EM CURITIBA





 **Murilo Ribas** é fotógrafo profissional desde 2006. Foi estagiário em laboratório fazendo revelação de filmes P&B, assistente em estúdio de moda e de publicidade. Também especializado em vídeo, atualmente é repórter fotográfico e cinematográfico freelancer em Curitiba. Sobre as fotos publicadas nesta edição, explica: “Gosto muito de caminhar pela cidade. Amo odiar Curitiba. Acho que não moraria em outra cidade do Brasil por muito tempo. Nas andanças pela cidade vou vendo as imagens que não consigo deixar passar e acabo parando rapidinho e registrando ... com o celular mesmo”.



**você me queria  
quando eu comia cigarros  
no café da manhã e tomava  
lítio com vodka no parapeito  
do prédio**

**quando eu fazia de travesseiro  
os rolos de papel higiênico no banheiro  
das agências de publicidade**

**e as palpitações do peito  
eram ondas oceânicas sufocando  
anêmonas**

**agora estou forte, abstêmia  
solitária como um baobá esplendoroso  
você aparece no olho-mágico  
da porta atrás daquela moça  
provinciana que aceitava ser  
o bode expiatório do ex-roqueiro  
alcoólatra vestido de William Blake**

**a mosca morreu  
na hora do café  
se debateu na parede  
até cair no chão  
rendida ao silêncio  
cansada de sobreviver  
esperei para ver se acordaria  
se reagiria à monotonia  
ela continuou letárgica  
a deixei secando no chão  
como um buquê de rosa  
ambiance jogado àquela  
moça que o pegou bravamente  
para depois boiar afogada  
na piscina do clube**

 **Priscila Merizzio** nasceu e vive em Curitiba. Atua como editora convidada na revista virtual Germina e é integrante do grupo Escritoras Suicidas. É uma das organizadoras da *Antologia 29 de abril – o verso da violência* (2015), *Minimoabismo* (2014), seu livro de estreia, foi semifinalista no Prêmio Oceanos em 2015.

